



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DO CONSUMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CONSUMO, COTIDIANO E
DESENVOLVIMENTO SOCIAL

SAYMO VENICIO SALES LUNA

ARTESANATO TÊXTIL COM FIBRA DE BANANEIRA: SABERES E
PRÁTICAS DE ARTESÃS DO CARIRI CEARENSE

RECIFE/PE

2021

SAYMO VENICIO SALES LUNA

ARTESANATO TÊXTIL COM FIBRA DE BANANEIRA: SABERES E
PRÁTICAS DE ARTESÃS DO CARIRI CEARENSE

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social da UFRPE, como requisito para obtenção do título de mestre.

Linha de Pesquisa: Cotidiano, Bem-estar e Desenvolvimento Social.

Orientadora: Profa. Dra Etienne Amorim Albino da Silva Martins.

RECIFE/PE

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L961a Luna, Saymo Venicio Sales Luna
ARTESANATO TÊXTIL COM FIBRA DE BANANEIRA: : SABERES E PRÁTICAS DE ARTESÃS DO
CARIRI CEARENSE / Saymo Venicio Sales Luna Luna. - 2021.
74 f. : il.

Orientadora: Etienne Amorim Albino da Silva Martins.
Inclui referências e apêndice(s).

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em
Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social, Recife, 2021.

1. Fibras Vegetais. 2. Desenvolvimento Socioeconômico . 3. Culturas Populares. 4. Habitus. I. Martins,
Etienne Amorim Albino da Silva, orient. II. Título

CDD 640

SAYMO VENICIO SALES LUNA

ARTESANATO TÊXTIL COM FIBRA DE BANANEIRA: SABERES E
PRÁTICAS DE ARTESÃS DO CARIRI CEARENSE

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Programa de Pós-graduação em
Consumo, Cotidiano e
Desenvolvimento Social da UFRPE,
como requisito para obtenção do título
de mestre.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Etienne Amorim Albino da Silva Martins (Orientadora)
DCC/ UFRPE

Professora Dra Laura Suzana Duque Arrazola (Membro interno)
DCC/ UFRPE

Professor Dr. Clécio José Lacerda Lima (Membro externo)
IISCA/ UFCA

Professora Dra Raquel Aragão Uchôa Fernandes (Membro interno)
DCC/UFRPE

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, Têca, mulher que sempre esteve do meu lado, que sempre me ensinou o que era certo e sempre apoiou e estimulou as minhas ideias, mesmo que mais na frente ela me consolasse e me fizesse observar o que tinha dado errado. Agradeço e honro a mulher que me escolheu como seu filho, que sejamos a escolha um do outro por muitos e muitos tempos.

Agradeço minha irmã, exemplo de mulher, que esteve ao meu lado desde meu nascimento, compreensiva, companheira e paciente. Quem me ensina a cada dia que os caminhos só se revelam ao caminharmos, quem me acalma e me escuta.

Agradeço minha família, que cada um de seu modo contribuiu para o hoje. Não existe acaso, tudo é para acontecer e agradeço cada palavra na jornada chamada vida.

Agradeço meus colegas do mestrado, em especial à minhas amigas que o PGCDs me apresentou Gabu, Luizy, Renata e Beth, pelas trocas, risos e choros regados à café e empadas.

Agradeço aos professores do PGCDs, por toda empatia e preocupação com cada um dos alunos. Pelos conselhos, críticas e sorrisos trocados ao longo desse ciclo, em especial à Laura Suzana, que sempre lembrava da pesquisa de cada um e sempre ouvia nossas ideias com entusiasmo e atenção.

Agradeço a meus amigos da vida e carnaval, que mesmo distantes sempre estiveram ao meu lado. Que contribuíram com a minha sanidade nesta pandemia, a cada chamada de vídeo e memes compartilhados. Em especial à Italcy, amigo assertivo em seus conselhos e um exemplo de pesquisador. Michelly a que aparece do nada, mas sabe ouvir e te abraçar. Manu, a que nos mantém informados sobre tudo do BBB (sim, é necessário), Kaio, que do seu jeito especial de ser vem me acompanhando desde a graduação.

Agradeço à minha amiga Nára, por atender minhas chamadas de vídeo e me ouvir, por sempre me perguntar como me sinto, e o que é melhor pra mim.

Agradeço a Rondinele, amigo e colega de trabalho que tanto me auxiliou na coleta de dados da pesquisa.

Agradeço imensamente às participantes desta pesquisa, que se dispuseram a me ouvir, a falar e trocar risadas comigo. Esse é um caminho longo e que iremos percorrer juntos.

Agradeço a minha orientadora, Etienne Amorim, por toda compreensão e serenidade, por me apoiar, acreditar em mim e incentivar as minhas ideias, mesmo que não dessem certo, assim como minha mãe. Uma amiga que sempre me ouviu e me deu força com um – Vai dar certo, querido! – que seu caminho seja de luz!

RESUMO

O setor artesanal utiliza-se de diversas fibras vegetais em seus processos produtivos como a do sisal, coco, juta, algodão e a do pseudocaule da bananeira, a qual será objeto de estudo nesta pesquisa. Esta fibra é resultante de um processo artesanal de beneficiamento de um resíduo sólido oriundo do cultivo da banana que compreende diversas técnicas mecânicas utilizando ferramentas vernaculares em suas produções. Na região do Cariri cearense é possível observar uma diversidade de técnicas artesanais, como couro, argila, bordados e inclusive as fibras vegetais. Tendo como principal característica ser um subproduto da agricultura, o artesanato com fibra de bananeira tem sua produção atrelada ao ambiente rural. Embora haja grupos produtivos em diversas cidades do Cariri, os resíduos da bananicultura ainda apresentam uma quantidade significativa na região. Sistematizar os saberes e práticas destas artesãs possibilita, tanto uma observação acerca da relação entre a produção artesanal e o desenvolvimento socioeconômico dos sujeitos, quanto a difusão do conhecimento. Utilizou-se como ferramentas de coletas uma entrevista semi estruturada, onde quatro artesãs foram entrevistadas. Os registros foram captados em forma de videografia e serviram de espinha dorsal para a análise e construção dos produtos desta pesquisa. Uma cartilha ilustrada sobre esses processos e um documentário sobre as relações estabelecidas pelas artesãs e seus habitus. Diante dos resultados, foi possível observar que a prática não se configura como uma atividade tradicional, uma vez que ainda não há transmissão de conhecimento entre as gerações..

Palavras Chave – Fibras Vegetais; Desenvolvimento Socioeconômico; Culturas populares; Habitus.

ABSTRACT

The artisanal sector uses several vegetable fibers in its production processes such as sisal, coconut, jute, cotton and banana pseudostem, which will be the object of study in this research. This fiber is the result of an artisanal process of processing a solid residue from banana cultivation that comprises several mechanical techniques using vernacular tools in its production. In the Cariri region of Ceará, it is possible to observe a diversity of artisanal techniques, such as leather, clay, embroidery and even vegetable fibers. With the main characteristic of being a by-product of agriculture, handicraft with banana fiber has its production linked to the rural environment. Although there are productive groups in several cities in Cariri, banana residues still have a significant amount in the region. Systematizing the knowledge and practices of these artisans enables both an observation about the relationship between artisanal production and the socioeconomic development of the subjects, as well as the dissemination of knowledge. A semi-structured interview was used as collection tools, where four artisans were interviewed. The records were captured in the form of videography and served as a backbone for the analysis and construction of the products of this research. An illustrated booklet about these processes and a documentary about the relationships established by the artisans and their habitus. In view of the results, it was possible to observe that the practice is not configured as a traditional activity, since there is still no transmission of knowledge between generations.

Key words - Banana fiber; Socioeconomic Development; Popular cultures; Habitus.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Área de Estudo. (Em [A], o mapa do Brasil, com destaque para o Estado do Ceará; em [B] o mapa do Ceará, com destaque para a Região Metropolitana do Cariri; em [C] o mapa da Região Metropolitana do Cariri, com destaque para o Crajubar; e em D) o mapa do Crajubar.	18
Figura 2 - Partes Constituintes da Bananeira.....	23
Figura 3 - Encerramento Curso de Iniciação em Fibra de Bananeira.....	33

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Nome, profissão e quantidade de filhos das artesãs.....	34
Tabela 2 - Tipos de fibras e seu processo de beneficiamento.....	37
Tabela 3 - Melhorias proporcionadas pelo artesanato	40

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Ceart- Central de Artesanato do Ceará

GEE – Gases do Efeito Estufa

ONU – Organização das Nações Unidas

RMC – Região Metropolitana do Cariri

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1. Considerações iniciais	11
1.2. Justificativa	13
1.3. Problema de Pesquisa	16
1.4. Objetivos	17
1.4.1. <i>Objetivo Geral</i>	17
1.4.2 <i>Objetivos Específicos</i>	17
2. MATERIAIS E MÉTODOS	17
2.1. Área de Estudo	18
2.2. Interlocutores	19
2.3. Ferramentas de coleta	19
2.4. Triangulação de Métodos	21
3. REFERENCIAL TEÓRICO	22
3.1. Bananicultura	22
3.2. A ARTE DO ARTESANATO	24
3.3. Sociedade de Consumo e as práticas artesanais	26
3.4. Etnografia	29
3.5. Conceitos de Bourdieu	30
3.5.1. <i>Habitus</i>	30
3.5.2. <i>Campo</i>	31
3.5.3. <i>Capital</i>	31
3.5.4. <i>Poder simbólico</i>	31
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	32
4.1. O INICIO	32
4.2. A FIBRA	33
4.3. ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS	38
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	43

1. INTRODUÇÃO

1.1. Considerações iniciais

As práticas artesanais consistem em um modelo de produção remanescente do período pré-industrial que se situa entre arte popular e pequena indústria. No Brasil, a produção desses artefatos surge como uma alternativa de emprego e renda, principalmente, para famílias de classes sociais menos favorecidas (VAINSENER, 2009). De acordo com Lima (2007) o processo de produção do setor artesanal, ocorre na sua maioria numa conjuntura familiar ou comunitária, de tal modo que possibilita a transferência de conhecimentos de processos e técnicas que o associa a tradição, conferindo-o um valor cultural, preservando a memória da comunidade. Na sociedade contemporânea o artesanato se configura como um fenômeno econômico e sociocultural sendo desenvolvido em geral de maneira informal por esses grupos produtivos. Tendo como característica uma relação marcante de família e vizinhança (KELLER, 2014). As práticas artesanais, enquanto trabalho humano engloba arte e técnica, imaterialidade e materialidade, possui uma dupla dimensão: cultural e econômica. Estão inseridos no complexo de capitais que moldam os sujeitos, e estão diretamente ligados ao momento histórico a que pertencem (Bourdieu, 2004; Sousa, 2009). Para Barbosa e D'ávila (2014) o artesanato se apresenta como um elemento da cultura material, de forma complexa ele abrange uma pluralidade de fenômenos sociais que refletem uma desigual apropriação, real e simbólica da história construída e vivenciada por um povo. A definição do artesanato no que se refere à identidade é algo que se torna cada vez mais complexo, haja visto que a produção desses artefatos está inter relacionada com o mercado capitalista o que ocasiona uma série de modificações ao longo do seu processo (Idem, 2014).

Os processos produtivos, bem como o consumo de bens e serviços estão diretamente relacionados com o desenvolvimento e crescimento das sociedades contemporâneas e das nações de modo geral. No entanto, concomitante ao desenvolvimento surge uma problemática no que se refere à geração de resíduos sólidos. Quanto mais uma sociedade produz e consome

bens e serviços, maior é a geração de resíduos sólidos. Os mesmos surgem desde o processo de extração das matérias primas até o consumo final de bens e serviços (GODECKE, NAIME e FIGUEIREDO, 2012).

É notório que os resíduos sólidos têm chamado atenção a nível mundial tendo em vista o crescente volume de geração e, sobretudo ao tratamento e disposição que estes materiais recebem. O planeta enfrenta uma crise ambiental, econômica e social, onde os recursos naturais são limitados, os sistemas econômicos necessitam aumentar os níveis de produção e consumo e a distribuição de renda ocorre de forma irregular entre os indivíduos gerando pobreza e miséria de uma parcela da população. Este cenário torna-se ainda mais agravante nos países emergentes e subdesenvolvidos. Diversos autores indicam que uma das formas de mitigar os efeitos desta crise é introduzir o conceito de desenvolvimento sustentável nos sistemas econômicos mundiais, colocando em um mesmo patamar de importância o crescimento econômico, a preservação do meio ambiente e o desenvolvimento social dos indivíduos (ALBAGLI, 1995; BARBOSA, 2008).

Os resíduos sólidos surgem neste contexto como um dos principais responsáveis por esta crise mundial, oriunda do processo linear de produção vigente nos sistemas econômicos da atualidade. Para Campos (2012) ao analisar os dados de países estudados pela *Organization for Economic Cooperation and Development* é esperado que em 2030 a geração per capita de resíduos sólidos seja de 694 kg por habitante por ano.

Uma forma sustentável de lidar com a problemática dos resíduos sólidos apontada por diversos autores é a busca por soluções que sejam alternativas ao sistema linear de produção, por um sistema econômico circular – o artesanato se apresenta como uma possibilidade de reinserção desses resíduos em uma nova cadeia produtiva. De modo que, os resíduos sólidos de uma determinada atividade econômica possam ser inseridos como matéria prima em uma nova ou na mesma atividade, quebrando a linearidade do sistema vigente (matéria – transformação – produto final – consumo – resíduos sólidos). Ações como esta faz com que os resíduos sólidos não sejam descartados de forma prematura em lixões ou valas irregulares que causam degradação ambiental ou até mesmo que sejam enviados para aterros sanitários, que são formas regulares de destinação de resíduos, porém com

vida útil finita para recebimento de tais materiais (FOSTER, et. al. 2017; VEIGA, 2019; DE SOUSA, 2019).

O Brasil é um país que possui como principal base econômica o agronegócio. Diante disso, um dos principais resíduos sólidos que vem ganhando atenção, sobretudo, no meio científico e tecnológico são aqueles oriundos da bananicultura. Alguns trabalhos utilizaram os resíduos sólidos da bananeira para obtenção de diferentes fibras, cujas mesmas foram introduzidas como matéria prima na confecção de embalagens ecológicas (ABREU, 2017) peças artesanais (CAPITANI e GARAVELLO, 2007) e produção de têxteis manuais (DOS SANTOS, 2019).

Mesmo diante de tantos usos possíveis para os resíduos oriundos da bananicultura, ainda há uma grande quantidade que é descartada ou deixada nos cultivos para degradação, se tornando de fundamental importância a difusão de técnicas de beneficiamento proporcionando desenvolvimento sócio econômico de grupos produtivos a partir da produção artesanal com as fibras obtidas com o processo.

1.2. Justificativa

A motivação para este estudo parte de uma curiosidade crítica de compreender e estudar os saberes e práticas da produção artesanal com a fibra de bananeira. O artesanato foi algo que sempre esteve presente no meu cotidiano. Meu primeiro contato com a fibra da bananeira foi há dezessete anos na conjuntura familiar.

Na região do Cariri cearense pode-se observar a presença de grupos produtivos de diversas tipologias e técnicas, entre elas a produção de artesanatos têxteis utilizando as fibras oriundas dos resíduos da bananicultura – objeto de estudo desta pesquisa. Essa diversidade de tipologias evidencia a vocação desse povo para as práticas manuais. Além dos grupos tradicionais onde o conhecimento e técnicas são repassados por meio oral e muitas vezes familiar entre as gerações, existem os grupos e produtores (artesãos) individuais contemporâneos. Que obtiveram o conhecimento por meio de novas ferramentas como, mídias digitais ou a partir de programas de fomento do artesanato para geração de renda. Tais programas possuem como foco o

resgate de saberes esquecidos ou silenciados por forças externas dentro das comunidades. Esses grupos são formados, em grande parte, por mulheres em situação de vulnerabilidade e de baixa renda. A estrutura organizacional do setor de produção artesanal é, em sua maioria, na forma de associações de artesãos, artistas ou agricultores, onde muitas vezes a comercialização dos artefatos funciona como um complemento ou fonte principal da renda familiar desses indivíduos (KELLER, 2014). Sobretudo em regiões semiáridas onde a escassez de chuvas ou a intensa irregularidade da mesma não viabiliza outras atividades com finalidade econômicas, como por exemplo, a agricultura e a pecuária.

A região do Cariri possui uma grande quantidade de cultivares de banana, a nível industrial e doméstico, sendo possível observar o acúmulo dos seus resíduos ao percorrer as zonas rurais da região. Segundo Soffner (2001), a bananicultura produz um volume significativo de resíduos, cerca de 200 toneladas/hectare/ano, devido principalmente às folhas, o pseudocaule e o engaço da bananeira. Os resíduos do fruto, isto é, a casca da banana, já foram bastante estudados por diversos pesquisadores visando o aproveitamento desses materiais na alimentação de ruminantes (bovinos, ovinos, caprinos, etc) e outros animais CAÇÃO et al. 2011; GERASSEV et al., 2013; DINIZ et al., 2014). Existem pesquisas que utilizam as folhas e o pseudocaule da bananeira para compostagem e biomassa para geração de energia (MAIA et al., 2014), porém, devido ao grande volume de resíduos gerados sobretudo o pseudocaule da bananeira, ainda há necessidade de desenvolver novas tecnologias de tratamento para complementar os estudos já desenvolvidos.

A produção do fruto consiste em realizar sucessivas práticas tais como a capina do plantio, o controle cultural, o desbaste, a desfolha, o escoramento, o ensacamento do cacho e o corte do pseudocaule com a folha. Além disso, o melhoramento do arejamento interno do bananal, o aumento da luminosidade, a redução das lesões dos frutos e o controle de pragas são feitos através da limpeza ou remoção das folhas velhas, secas, mortas, doentes ou pendentes, localizadas junto ao pseudocaule, formando um volume considerável de massa vegetativa no plantio (MANICA, 1997).

Essa massa vegetativa pode produzir grande quantidade de nutrientes que são absorvidos pelo solo através da decomposição da cobertura morta na

superfície do plantio. Observa-se que 66% dessa massa vegetativa produzida na etapa de colheita podem retornar ao solo em forma de folhas, rizoma e, por vezes, pseudocaule (BORGES e SOUZA, 2004) e os 44% dos resíduos sólidos restantes são apenas descartados.

Embora os resíduos possam ser utilizados como adubo no próprio plantio, apenas uma pequena parcela é suficiente para ser aproveitada neste processo. Além do mais, durante o processo de decomposição da cobertura morta dos cultivares, a partir da degradação da matéria orgânica por microrganismos (fungos e bactérias) encontrados na natureza, ocorre a geração de gases tais como o metano (CH₄) e dióxido de carbono (CO₂), que são gases do efeito estufa (GEE) e podem causar danos ao meio ambiente ao serem liberados na atmosfera.

As fibras de bananeiras são obtidas a partir do pseudocaule da planta e o mesmo é uma das partes do vegetal de maior potencial de geração de resíduos sólidos (BORGES e SOUZA, 2004). Por se tratar de um material rico em lignina apresentam difícil degradação, por esta razão as folhas e os rizomas são preferencialmente utilizados para recarga de nutrientes do solo. Além disto, a difícil degradação do pseudocaule, em comparação as folhas e rizomas, podem gerar impactos visuais negativos e poluição se descartado aleatoriamente no meio ambiente.

O processo de beneficiamento utilizado pelos grupos produtivos é um método mecânico artesanal, onde consiste na divisão das partes constituintes do pseudocaule e beneficiamento utilizando ferramentas domésticas como, por exemplo, facas e escovas de aços. Cada artesão possui suas variações do método, a partir de suas vivências e percepções oriundas da prática.

O fomento da produção artesanal a partir de tais fibras tem como consequência a diminuição dos impactos ambientais provenientes do grande acúmulo de resíduos sólidos da bananicultura, corroborando com os objetivos do Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas (ONU), também chamado de Objetivos Globais, como um chamado universal para atuação contra a pobreza, proteção do planeta e para garantir que todas as pessoas tenham de forma equitativa paz e prosperidade. Os 17 Objetivos foram construídos a partir dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, incluindo novos temas, como a mudança global do clima, desigualdade

econômica, inovação, consumo sustentável, paz e justiça, questões de gênero, entre outras prioridades (ONU, 2015).

Em consonância com o que traz o objetivo de número doze (Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis), onde apresenta como as principais ações previstas: alcançar a gestão sustentável e o uso eficiente dos recursos naturais; reduzir substancialmente a geração de resíduos por meio da prevenção, redução, reciclagem e reuso; incentivar as empresas, especialmente as transnacionais a adotar práticas sustentáveis e a integrar informações de sustentabilidade em seu ciclo de relatórios; garantir que as pessoas, em todos os lugares, tenham informação relevante e conscientização para o desenvolvimento a fortalecer suas capacidades científicas e tecnológicas para mudar para padrões mais sustentáveis de produção e consumo entre outros (ONU, 2015).

Assim, visando o reaproveitamento do pseudocaule da bananeira, material abundante e presente nos resíduos sólidos da bananicultura, esta pesquisa objetiva salvaguardar e difundir as técnicas de beneficiamento deste refugo vegetal para a extração e produção de uma fibra têxtil a ser empregada em produtos artesanais.

O presente trabalho também tem por finalidade, ser utilizado como referência científica e prática para a implementação, desenvolvimento e aperfeiçoamento dos processos produtivos artesanais das associações/comunidades e ou grupo de artesãos, no que tange a produção da matéria prima, corroborando com o desenvolvimento socioeconômico dos sujeitos envolvidos, atendendo desta forma à linha de pesquisa Cotidiano, Bem-estar e Desenvolvimento Social do Programa de Pós-Graduação em Cotidiano, Consumo e Desenvolvimento Social.

1.3. Problema de Pesquisa

Ao considerar que a amplitude do trabalho artesanal representa as tradições culturais de um povo com a utilização de materiais simples e de fácil acesso. Este tipo de arte que se trabalha com as mãos pode ser definido como um trabalho minucioso e detalhista, onde cada objeto construído é único, garantindo o valor da singularidade e autenticidade de cada artefato. Desta forma, é sabido que o artesanato é permeado pelos aspectos culturais,

simbólicos e práticos, assim questiona-se de que modo a sistematização dos saberes e técnicas artesanais contribuem para o desenvolvimento socioeconômico dos artesãos?

1.4. Objetivos

1.4.1. Objetivo Geral

Investigar, observar e analisar as técnicas de beneficiamento do pseudocaulo da bananeira a partir dos saberes e práticas do ofício geracional das artesãs do Cariri cearense.

1.4.2 Objetivos Específicos

- Sistematizar algumas técnicas do artesanato com fibra de bananeira em uma cartilha ilustrativa que possa unificar estes saberes para seguirem sendo repassados de geração em geração e ainda elucidar outros grupos de artesãos;
- Analisar as relações da produção artesanal com o desenvolvimento socioeconômico das artesãs;
- Produzir um documentário a partir do ponto de vista das artesãs do Cariri na realização do seu ofício com a fibra da bananeira.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

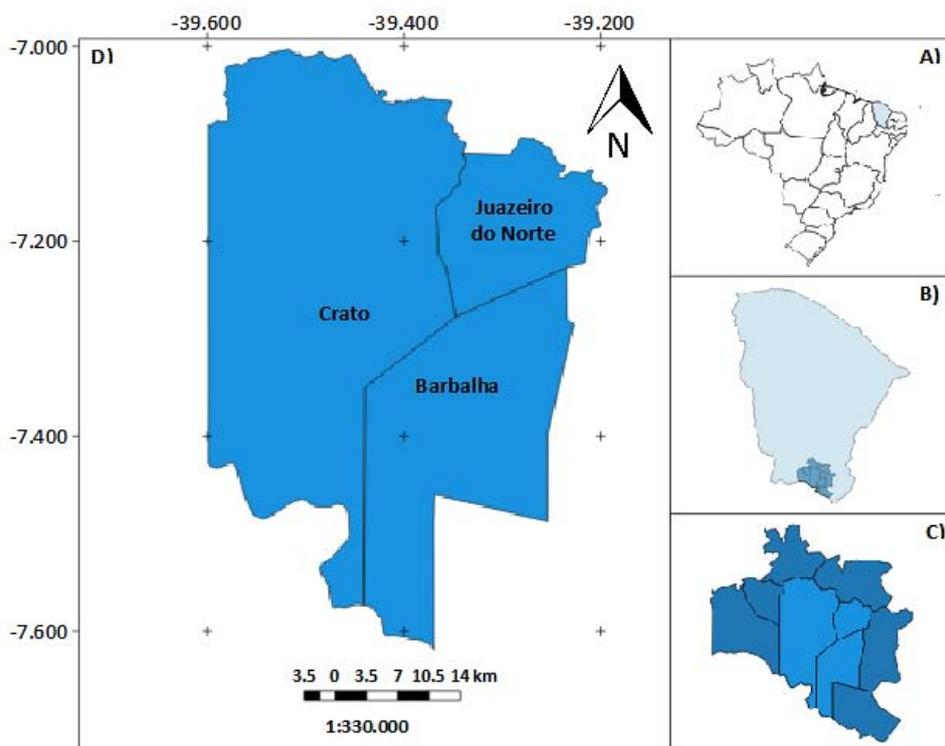
A presente pesquisa classifica-se, enquanto à natureza e abordagem metodológica, como qualitativa. Esse tipo de pesquisa, parte da necessidade de análise de forma integrada de fenômenos a partir das perspectivas dos sujeitos envolvidos. Possibilitando desta forma uma melhor compreensão a partir da observação do contexto do qual faz parte. A pesquisa de campo é o meio pelo qual o pesquisador busca “captar” o fenômeno estudado, coletando vários tipos de dados. O desenvolvimento da ação de observar, entrevistar e, posteriormente, produzir o vídeo e o texto científico se traduz como a espinha dorsal do método qualitativo a ser aplicado. Sobre isto, o antropólogo Luís Roberto Cardoso Oliveira (1996) revela a importância desse trabalho interativo e suas fases. Para Alfred Schutz (1979) o cientista social não é um indivíduo voltado para o domínio do mundo, mas antes, para a observação e

compreensão. Trata-se de um observador interessado na questão a ser estudada, o problema que busca resolver, a verificação de suas hipóteses. Subsiste assim, o objeto de estudo.

2.1. Área de Estudo

A região do Cariri é composta por 29 municípios sendo que desses, nove corresponde à região Metropolitana do Cariri (RMC), conforme ilustrado pela Figura 1. Os municípios da RMC estão localizados na porção mais extrema ao sul do Ceará na fronteira com o estado de Pernambuco. Os municípios que mais se destacam na RMC são Crato, Juazeiro e Barbalha que formam a conurbação denominada popularmente por triângulo CRAJUBAR. De acordo com o censo de 2010 do IBGE, a RMC possui área de 8.517 km² e uma população de 564.478 habitantes, sendo que 78,81% desses habitantes residem em zona urbana. Na região do Cariri existem, segundo a Central de Artesanato do Ceará (Ceart), nove grupos produtivos de fibra de bananeira, destes cinco encontram-se no município de Barbalha.

Figura 1 - Área de Estudo. (Em [A], o mapa do Brasil, com destaque para o Estado do Ceará; em [B] o mapa do Ceará, com destaque para a Região Metropolitana do Cariri; em [C] o mapa da Região Metropolitana do Cariri, com destaque para o Crajubar; e em D) o mapa do Crajubar.



Fonte: Oliveira Júnior, Pereira e Costa (2017)

2.2. Interlocutores

A escolha das artesãs foi feita de forma intencional, a partir da análise dos quantitativos de grupos e conforme a disponibilidade e o consentimento das artesãs (termo de consentimento em apêndice). Optou-se por concentrar as entrevistas no município de Barbalha, por ter a maioria dos grupos produtivos da região e por se apresentar como a cidade em que as práticas com a matéria prima se iniciaram, conforme relatado pelos demais grupos em um primeiro contato via ligação.

Foram abordadas quatro artesãs com faixa etária de 45 a 55 anos, que não se enquadrassem em grupos de risco para a COVID-19, de acordo com a recomendação Nº 20 do Conselho Nacional de Saúde (CNS, 2020). As entrevistas aconteceram em seus ambientes de trabalho, seguindo as medidas sanitárias e distanciamento social. Após o primeiro contato por telefone, foi agendada uma visita às artesãs, para apresentação da pesquisa e definição da forma de registro e permissões para utilização dos materiais obtidos, no segundo momento pré-agendado foram realizadas as entrevistas. O contato com as artesãs aconteceu entre Agosto (2020) e Março (2021) as visitas respeitaram os períodos de isolamento social rígido.

A respeito do número de participantes da pesquisa:

[...] não faz sentido exigir que uma observação seja “representativa”: com efeito, sua lógica não é a da “amostra”. De um lado, o que corrobora todo seu interesse e toda sua “universalidade”. É precisamente seu caráter particular, ou de um “meio” situado no tempo, no espaço físico e social, na concretude de uma rede de interconhecimento [...] (Paugam, 2015 p.130, grifo nosso).

2.3. Ferramentas de coleta

Para a coleta dos dados foi utilizada a entrevista semi-estruturada. Para Mattos (2005) esse tipo de abordagem tem como principal característica deixar ao entrevistado decidir-se pela construção da resposta.

A coleta dos dados seguiu dois momentos, o primeiro, foi abordado os aspectos socioeconômico do fazer artesanal e o segundo momento para apresentação de suas técnicas de beneficiamento do pseudocaule. Para a condução das

entrevistas foi desenvolvido um roteiro abordando aspectos socioeconômicos das artesãs e suas trajetórias no ofício, tendo as perguntas chave como ponto de partida, mas não se limitando a elas, para Mattos:

(...) a entrevista não-estruturada ou semi-estruturada realmente é uma forma especial de conversação. Em tal interação linguística, não é possível ignorar o efeito da presença e das situações criadas por uma das partes (o “entrevistador”) sobre a expressão da outra (o “entrevistado”). E mais: há sempre um significado de ação para além do significado temático da conversação. Os atores, principalmente o entrevistado, “fazem” ali muita coisa — e o sinalizam — enquanto articulam perguntas, respostas ou interferem nelas (MATTOS, 2005, s/p).

Para o registro das entrevistas foi utilizada a videogravação (link do curta-documentário em apêndice 3) utilizando smartphones (Redmi Note 8 / Moto G Plus). Após consentimento (Apêndice 1) por parte das interlocutoras da pesquisa de uso de imagem, voz e som. O registro por vídeo possibilita uma melhor compreensão da vida social dos sujeitos. Esse tipo de registro permite não somente a captação das manifestações livres, verbais ou físicas, como também aspectos sociais presentes no contexto do entrevistado (MAYKUT; MOREHOUSE, 1994). Outro aspecto relevante para o tipo de registro é a possibilidade de revisitar o campo quantas vezes for necessário, o que se torna imprescindível para esta pesquisa que busca observar as técnicas de produção de uma matéria prima. De acordo com Garcez; Duarte; Einseberg (2011):

A opção por uma dada metodologia de pesquisa não pode ser orientada apenas por um maior ou menor conhecimento deste ou daquele procedimento, mas pelo que é necessário fazer para obter material empírico cujas densidade e riqueza permitam-nos uma melhor aproximação do

objeto de pesquisa (GARCEZ; DUARTE; EINSEMBERG, 2011, s/p.).

2.4. Triangulação de Métodos

A pesquisa por meio da triangulação de métodos é concebida como uma alternativa e evolução à pesquisa qualitativa tradicional. Triangular no qual significa utilizar distintas maneiras de analisar um mesmo grupo, fato ou fenômeno e pode aliar métodos clássicos das pesquisas ditas qualitativas e quantitativas (Fleury et al, 1997, p. 36; Flick, 2009).

Foi por meio dos resultados obtidos deste processo de triangulação de métodos, que a elaboração de uma cartilha foi possível. Esta cartilha descreve o passo a passo de todo o processo de beneficiamento da fibra de bananeira sob a ótica das artesãs, a partir de seus saberes e que vai se modificando conforme as vivências delas também vão.

2.4.1 Processo de construção da cartilha e nascimento do documentário.

A organização do modelo metodológico foi estruturada em quatro fases: 1) preparação; 2) realização das entrevistas) 3) construção de uma metodologia a partir do olhar para as artesãs como centro e construção da cartilha 4) documentário.

A preparação consistiu na apropriação do tema em estudo, que foi propiciada pela vivência e contato com as artesãs que foi concebido de forma horizontal e tecido ao longo de muitos processos de visita e revisitação às práticas relacionadas à fibra de bananeira.

Posteriormente foram feitas as entrevistas nos territórios das artesãs em seus lugares habituais de trabalho, essas entrevistas não tiveram roteiros endurecidos e rígidos, mas temas principais que foram se desdobrando conforme as experiências de cada uma das sujeitas.

A seguir foi elaborada uma metodologia de beneficiamento da fibra a partir do olhar de cada uma das artesãs, colocando seus saberes como

princípio norteador e trazendo para a escrita o que saber tácito foi criando ao longo das trajetórias delas.

Por último foi criado o documentário buscando um olhar mais sensível e atento para sua criação. Trazendo o destaque para as trajetórias pessoais de cada uma das artesãs e de como elas confluem e se se param conforme os saberes vão sendo entrelaçados à vida de cada uma delas

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. Bananicultura

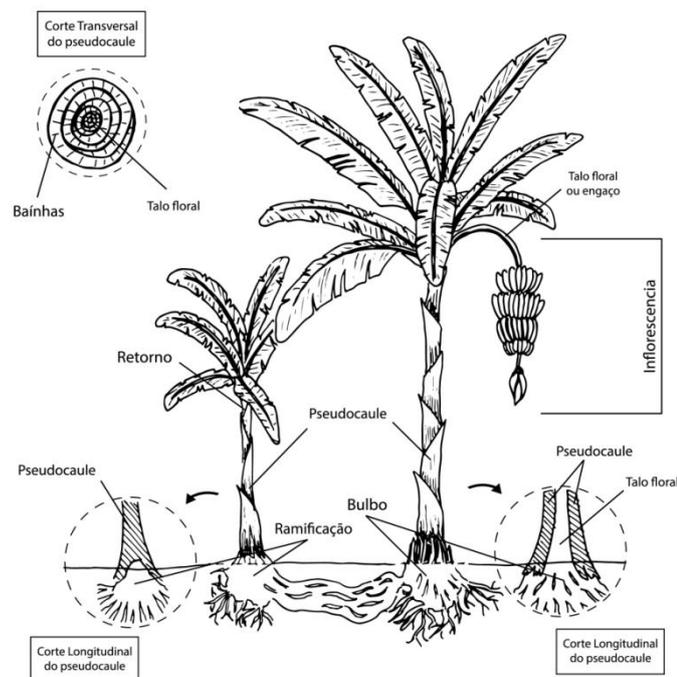
A banana (*Musa sp.*) é um fruto que pode ser cultivado em áreas tropicais e subtropicais úmidas, em altitudes de até 1000m acima do nível do mar. Fatores como a temperatura, a umidade relativa do ar, a incidência solar, as precipitações pluviométricas, a velocidade do ar, dentre outros, influenciam no crescimento e na produção da banana. No Brasil, os sistemas produtivos adotados são bastante variados, desde áreas com manejos majoritariamente extrativistas, até cultivos que utilizam altas tecnologias, de acordo com cada região e tipo de produtor do país (MARTINS e FURLANETO, 2008). A colheita da banana a nível mundial, em 2016, foi estimada em 113 milhões de toneladas, com um rendimento de 20t por hectare cultivado. O Brasil foi, no ano em questão, o quarto produtor mundial com uma produção de mais de 6 milhões de toneladas e uma área de cultivo de 469.711ha, ficando atrás da Índia (29.124.00t), China (13.066.778t) e Indonésia (7.007.025) (FAO, 2016).

No Brasil, o cultivo da banana está distribuído em todo território, sejam em cultivares industrial ou familiar. Sendo no Nordeste a maior produção nacional (33,74%) com 2.251.907 t, seguido pelo Sudeste (32,91%) com produção de 2.196.993t. São Paulo, Bahia, Santa Catarina, Minas Gerais e Pará, estão entre os estados que mais produzem o fruto, os mesmos correspondem a 58% da produção nacional. Em torno de 90% da produção do fruto destina-se para o mercado interno para fins industriais ou consumo in natura (IBGE, 2017).

A bananeira é morfológicamente composta por raízes, talo floral, pseudocaule, folhas e inflorescência. O tronco da bananeira na verdade é um pseudocaule, formado por bainhas das folhas superpostas que saem desde a

base da planta, denominadas de bulbo (a parte da planta que fica soterrada) (Figura 2). O falso tronco ou pseudocaule é formado a partir do aparecimento de folhas sucessivamente dispostas de forma helicoidal e em conjunto. Segundo Coelho, Mata e Braga (2001), para cada pseudocaule é produzido uma só inflorescência e, por conseguinte, um só cacho de banana, onde, em seguida, deverá ser cortado para obtenção do fruto. A continuidade da produção ocorre a partir de outros rebentos que brotam a partir do bulbo, também conhecido como rizoma. O desenvolvimento da bananeira é feito por via vegetativa, com o plantio, de uma maneira geral, de partes do rizoma que sejam portadores de brotos.

Figura 2 - Partes Constituintes da Bananeira



Fonte: Autor (2019)

Diante dos índices de produção da fruta, a utilização dos resíduos oriundos desse cultivo pode contribuir com o desenvolvimento socioeconômico de pequenos produtores e grupos artesanais próximos ao cultivar. Para isso, é fundamental a compreensão e análise do local do artesanato na nossa sociedade, discussão desenvolvida no tópico a seguir.

3.2. A ARTE DO ARTESANATO

A arte é qualquer atividade humana que recorra às emoções e ao intelecto. Pode ser classificada como decorativa, narrativa, filosófica, religiosa ou simples entretenimento. Configura-se como o reflexo da cultura humana que é influenciada pelo contexto social, político, religioso e econômico. O artesanato seria a atividade criadora de um produto por um artesão ou artesã a partir de técnicas tradicionais, sendo considerado um tipo de arte que se trabalha com as mãos.

Neste sentido, poderemos resgatar um pouco da história de como o artesanato se originou em nosso país. A formação da sociedade brasileira, como conhecida hoje, se iniciou com o período de colonização, na fase pré-capitalista Europeia a partir da expansão ultramarina. Desde o início desse processo, as relações escravistas afastaram a possibilidade de forças de trabalhos livre – advindas do artesanato e da manufatura. O emprego de escravos como pedreiros, carpinteiros, ferreiros, dentre outros, afastavam os possíveis trabalhadores livres dessas atividades, por esses motivos, as corporações de ofícios¹ não tiveram, no Brasil colônia, o desenvolvimento em outros países (DE HOLANDA, EULÁLIO, RIBEIRO, 1995).

Em uma sociedade onde o trabalho manual (artesanal) era atribuído aos escravos, fossem indígenas ou africanos, tinham “contaminados” todos os serviços que fossem exercidos pelos mesmos, utilizando esforços físicos e manuais. O autor reintera que os dito “Homens Livres” se afastavam dessas funções, para que não restassem dúvidas em relação a suas condições “esforçando-se para eliminar as ambiguidades de classificação social” (CUNHA, 2015, P.17).

Já os “mestres”, sempre que havia possibilidade, impunham aos escravos a aprendizagem dos ofícios manuais, colocando-os para trabalhar na confecção de artefatos manuais, dispensando o pagamento de homens livres. Mesmo havendo trabalho livre desde esse período, assim como a escravidão persistiu de fato, depois de 1888, a atividade artesanal acabava abonada pelos

¹ As **Corporações de Ofício** eram associações, existentes no final da Idade Média, que reuniam trabalhadores (artesãos) de uma mesma profissão.

trabalhadores livres e brancos, de modo que os africanos e seus descendentes continuavam no desempenho dos ofícios, mesmo após sua liberdade.

Quando libertos, de fato ou de direito, os ex-escravos aceitavam sobreviver nas suas antigas condições materiais, trabalhando o menos possível. O resultado foi um generalizado preconceito contra o trabalho manual. Mostrar-se livre era distanciar-se o mais possível do lugar social do escravo (CUNHA, 2015, p.16)

No mesmo período, na Europa culminava um novo modelo de produção, tendo como marco a Revolução Industrial, onde as manufaturas deram lugar às produções em série. No entanto, no caso do Brasil, devemos observar como se estabeleciam as relações sociais nesse momento. Ao contrário do ocorrido em alguns países Europeus, as manufaturas aqui presentes, não se originaram do artesanato, nem tampouco as indústrias das manufaturas. No período da expansão da produção fabril na Europa – consequente decadência da produção manufatureira – no Brasil iniciava a utilização da manufatura em seus sistemas de produção.

Em *O Capital*, Marx (1975) relata que os conhecimentos manuais dos artesãos foram expropriados pelo sistema capitalista e incorporados aos sistemas de produção manufatureiro e fabril, “as manufaturas e as fábricas brasileiras tiveram de importar esse saber, tanto embutido nos equipamentos e nas técnicas, quanto ao vivo, na forma de força de trabalho qualificada” (Cunha, 2015, p.6). Nesse momento, os trabalhos artesanais destinaram-se a suprir as necessidades pessoais e familiares dos artesãos.

Nos dias atuais, é observado um interesse do mercado, pelos produtos artesanais. Para Silva (2012) “a busca pela identificação pessoal e pelo status na sociedade vem difundindo a utilização do artesanato das mais variadas formas”. Para a autora, este passa a ser associado a um sentimento de identificação e de valorização cultural. Canclini (1983) atrela essa busca a identificação pessoal, através do artesanato, para o fato de que essas peças

trazem consigo toda essa expressão e fascínio simbólico de uma cultura, e que são exploradas pelo capitalismo. Para o autor:

O capitalismo engendra os seus próprios mecanismos para a produção social da diferença, mas também se utiliza de elementos alheios. As peças de artesanato podem colaborar nessa revitalização do consumo, já que introduzem na produção em série industrial e urbana – com um custo baixíssimo – desenhos originais. Uma certa variedade e imperfeição, que por sua vez permitem que se possa diferenciá-las e estabelecer relações simbólicas com modos de vida mais simples, com uma natureza nostálgica ou com índios artesãos que representam essa proximidade perdida. (1983, p.65).

Ao termos o artesanato utilizado pelo capitalismo como um revitalizador do consumo, conforme posto por Canclini (1983) é de fundamental importância traçar os caminhos desses produtos dentro da Sociedade de Consumo exposta por Baudrillard (1995).

3.3. Sociedade de Consumo e as práticas artesanais

As práticas artesanais consistem em atividades herdadas desde o período de colonização do Brasil e foram sendo transformadas e repassadas de geração em geração pelos artesãos ao longo dos séculos (SILVA, 2009). De acordo com o Decreto nº 7.096, de 4 de fevereiro de 2010, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, no uso de suas atribuições define o artesão como:

[...] trabalhador que de forma individual exerce um ofício manual, transformando a matéria prima bruta ou manufaturada em produto

acabado. Tem o domínio técnico sobre materiais, ferramentas e processos de produção artesanal na sua especialidade, criando ou produzindo trabalhos que tenham dimensão cultural, utilizando técnica predominantemente manual, podendo contar com o auxílio de equipamentos, desde que não sejam automáticos ou duplicadores de peças.

Para Lima (2007) a produção artesanal, ocorre na sua maioria numa conjuntura familiar ou comunitária, de tal modo que possibilita à transferência de conhecimentos de processos e técnicas que o associa a tradição, conferindo-o um valor cultural, preservando a memória da comunidade. No Nordeste brasileiro encontra-se boa parte do rico legado artístico e artesanal do país. No Ceará, por exemplo, existe uma ampla variedade de tipologias e técnicas, sendo o interior, responsável pela perpetuação dessa herança cultural.

Um marco determinante para o setor foi o Art. 2 da Lei 13.180 de 22 de outubro de 2015 que regulamenta e dispõe sobre a profissão de artesão, determina que umas das diretrizes básicas da profissão é a integração da atividade artesanal com outros setores e programas de desenvolvimento econômico e social. Há um movimento crescente na participação de instituições governamentais e não-governamentais, no fomento ao artesanato em todo o território nacional. Nota-se esta presença principalmente a partir da década de 1990, a partir da crescente execução de políticas voltadas ao segmento, e como reflexo, uma maior presença vinculada nos meios de comunicação. (ABBONIZIO, 2009)

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) atualmente, no Brasil, são cerca de 8,5 milhões de artesãos. O segmento artesanal gera mais de R\$ 30 milhões por ano, o que representa 2,8% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional. Para Ramos (2013) a atividade econômica está em processo acelerado de crescimento, tal cenário se configura em função de uma trajetória de políticas de desenvolvimento do setor iniciadas ainda na década de 1970.

Instituído por meio do Decreto nº 80.098, de 8 de agosto de 1977, sob a supervisão do Ministério do Trabalho, o Programa Nacional de Desenvolvimento surge com a finalidade de coordenar a comercialização e produção do artesanato brasileiro e promover o trabalho do artesão. No estado do Ceará, o fomento ao segmento é através da Central de Artesanato do Estado do Ceará (Ceart) vinculada a Secretaria da Proteção Social, Justiça, Cidadania, Mulheres e Direitos Humanos (SPS), onde contam com cerca de 43 mil artesãos cadastrados. O Programa de Desenvolvimento do Artesanato do Ceará atua na formação e comercialização dos produtos artesanais do estado, através de capacitações tecnológicas para os grupos e da aquisição dos produtos previamente aprovados em comissão curadora para comercialização em lojas Ceart na capital do estado e no ambiente virtual.

Os debates acerca do consumo apresentam-se em considerável crescimento, mesmo sendo um objeto de estudo relativamente novo no campo das ciências sociais, o ato de consumir desempenha um papel crucial na vida das comunidades, interferindo em suas relações sociais e visões de mundo. Para Barbosa (2004) consumir é uma atividade presente em toda de qualquer sociedade humana. O entendimento da atividade de consumo nas sociedades ocidentais contemporâneas é dividido em duas categorias básicas, isto é, o ato de consumir para fins de satisfazer “necessidades básicas” ou “supérfluas” (BARBOSA, 2004). As sociedades humanas para reproduzir-se, seja fisicamente ou socialmente, necessitam consumir, para isso as mesmas fazem manipulação de artefatos e objetos inerentes a sua cultura material para finalidades simbólicas de identificação, diferenciação, agregar valores (status), apropriação e satisfação individual (BARBOSA e CAMPBELL, 2006).

Para Kremer (2007), as práticas de consumo acontecem de forma rápida e sucessiva, pois o mercado sempre dispõe de novos produtos que, através da aquisição dos mesmos, almeja-se, alcançar o bem-estar e felicidades expostos pelas propagandas e publicidades. O surgimento da Sociedade de consumidores (BAUMAN, 2008), Sociedade de hiperconsumo (LIPOVETSKY, 2007) ou Sociedade de consumo (BAUDRILLARD, 1995) evidencia em sua essência as transformações ocorridas entre a forma em que os indivíduos se organizam e suas relações sociais. Para Caniato e Nascimento (2010) o

excesso é uma das características mais evidentes dessa sociedade onde as informações são disponibilizadas de forma rápida e massiva, abundância de produtos, atualização de tecnologias constantes imagens e mensagens publicitárias que desempenham o papel de despertar o desejo e distinção através do consumo.

De acordo com Silva (2009, s.p) “o artesanato entra nesse contexto de diferenciação como o elemento de distinção de alguns grupos de indivíduos, atuando de formas distintas através de suas significações simbólicas”. Essa diferenciação é utilizada pelas elites, que buscam mostrar um nível de “superioridade cultural” em relação aos outros grupos sociais.

O artesanato dito tradicional deve ser analisado pelo ponto de vista social, pois se trata de uma atividade cultural. No entanto devido à peculiaridade de sua beleza, deve-se observá-lo também do ângulo mercadológico e comercial. São produtos que causam desejos por fazerem “parte de um grupo de objetos que são remanescentes do passado e se encontram à beira da extinção” (SILVA, 2009, s.p; FLEURY, 2002)

Segundo Canclini.

O artesanato conserva uma relação mais complexa em termos de sua origem e do seu destino, por ser um fenômeno econômico e estético, sendo não capitalista devido à sua confecção manual e seus desenhos, mas se inserindo no capitalismo como mercadoria. A particularidade que relaciona o artesanato com o capitalismo, e mais precisamente com o sistema moda, é o fato de as peças artesanais possuírem um valor econômico e estético. (1983 apud SILVA, 2009, s.p):

Com o aumento do consumo e as problemáticas inerentes a esse processo, se faz necessário repensar formas de produção de bens e serviço, bem como a origem das próprias matérias primas.

3.4. Etnografia

A etnografia, que etimologicamente quer dizer descrição cultural, traduz-se na descrição de pessoas, situações e acontecimentos com o objetivo de

captar a visão de mundo, em busca dos repertórios de significado da consciência prática. (Angrosino, 2008).

Por meio de técnicas etnográficas, é possível documentar o não-documentado, isto é, trazer a tona os encontros e desencontros que entremeiam o dia a dia da prática, descrever as ações e representações dos seus atores sociais, reconstruir sua prática e seu fazer. (De André, 2005).

Nesse sentido, o desenvolvimento da ação de observar, entrevista, gravar e, posteriormente, produzir o texto científico se traduz como a espinha dorsal do método qualitativo aplicado.

3.5. Conceitos de Bourdieu

Para Bourdieu cabe ao cientista questionar as pré-noções e o senso comum, procurando criar novas maneiras de compreender suas instituições, suas relações, seu modo de vida, sua sociedade e a si próprio (Bourdieu, 1994).

Por meio dos conceitos relacionados a seguir e sua inter-relação, buscase o reconhecimento dos processos que marcam a origem e a ampliação das práticas culturais das artesãs por meio de suas trajetórias individuais. Incluindo aspectos ligados ao grupo de que fazem parte e como a sociedade colabora para a perpetuação destas práticas.

3.5.1. *Habitus*

Para Bourdieu (1996) o habitus é um conjunto de estruturas objetivas interiorizadas, vinculado às condições de vida dos agentes, isto é, um conjunto de conhecimentos adquiridos e práticas incorporadas ao longo do tempo.

Habitus não é apenas o produto das estruturas e produtor de práticas, mas também é o reproduzidor de estruturas. O habitus tende a gerar práticas que coincidem com as condições sociais que produziram (Bourdieu, 1999).

Sendo assim, o habitus incorpora as estruturas sociais nas quais estamos inseridos partindo das condições objetivas de existência, funcionando então como princípio inconsciente, e sendo percebido por meio do comportamento: modos de agir, valorar, perceber e falar (Bourdieu, 1974; Araújo et al., 2009).

3.5.2. *Campo*

No espaço social existem vários tipos de campos e dentro destes, vários subcampos que mantêm relações de interdependências com o campo pertinente. Segundo Bourdieu é a estrutura das relações objetivas entre os agentes que determina o que eles podem ou não fazer (Bourdieu, 2000).

Os agentes atuam conforme suas posições. Ora colaboram para a manutenção, ora para a modificação da estrutura de determinado campo. Todas as lutas internas envolvem a disputa por distribuição e posse de um determinado tipo de capital. Como particularidade, todo campo possui embate, dialética e transformação (Bourdieu, 1994).

3.5.3. *Capital*

Existem vários tipos de capitais: econômico, cultural, científico, artístico, entre outros. (Bourdieu, 2011).

Bourdieu confere um papel central ao capital simbólico, aquele que se constitui por meio de uma relação social de conhecimento e reconhecimento entre os pares-concorrentes (Bourdieu, 2000).

3.5.4. *Poder simbólico*

O conceito de poder simbólico em Bourdieu (2002) ajuda na descrição dos processos de dominação que se dão por meio da obrigação do sistema cultural. Ele considera a cultura, como um sistema de símbolos selecionados ao longo da história de acordo com os interesses da classe dominante.

Seu acolhimento e interiorização se dá por meio da imposição “legítima” e dissimulada, a partir da interiorização da cultura dominante que faz com que os grupos subalternos tenham como referência os ideais de vida construídos e legitimados pela lógica dominante. É com isso que auxiliam a manutenção das formas de dominação, sem perceberem. O dominado não se opõe ao seu opressor, já que não se percebe como vítima desse processo: ao contrário, considera a situação natural e inevitável (Bourdieu, 1989, p. 5).

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo serão apresentados e discutidos os resultados obtidos ao longo da trajetória da pesquisa a partir da transcrição e análise das entrevistas produzidas.

Ao analisar as falas das artesãs, emergiram principalmente questões que se correlacionavam entre aspectos econômicos e sociais das suas experiências com o artesanato e especialmente com a fibra de bananeira. Partindo do objetivo geral desta pesquisa, iniciaremos nossas análises a partir das técnicas de beneficiamento do pseudocaule, para então trazermos as questões econômicas, culturais e sociais que permeiam essa produção. As agentes compartilham a mesma condição pensada objetivamente, que é a de artesã, mulher cis gênero, agricultoras. No entanto podem eventualmente avaliar de forma diferente produtos culturais e práticas do cotidiano a partir do acesso a capitais culturais, financeiros e simbólicos.

4.1. O INICIO

Ao olharmos para nosso objetivo geral ao qual nos propomos a investigar, observar e analisar as técnicas utilizadas pelas artesãs do Cariri Cearense para o beneficiamento do pseudocaule da bananeira – que aqui chamaremos de tronco, conforme nomenclatura utilizada pelas artesãs. Precisamos observar como o artesanato com fibra de bananeira se insere na história desses sujeitos.

A produção artesanal com fibra de bananeira é uma técnica utilizada em muitas áreas das regiões Sul e Sudeste, pela abundância de produção do fruto e pela maior presença de projetos de fomento ao desenvolvimento econômico. Mesmo o artesanato estando presente no processo de consolidação e desenvolvimento da região do Cariri, sendo a mesma referência no estado no que diz respeito às produções artesanais, a técnica em questão se insere nesse cenário apenas nos últimos dezessete anos,

aproximadamente. Ainda que com quase duas décadas de desenvolvimento na região, essa técnica, quando comparada a outras como o bordado, tem um passado recente.

O artesanato com fibra de bananeira, assim como o da palha de milho, possuem uma característica marcante, pois ambos se configuram como um subproduto da agricultura, haja visto que para o seu desenvolvimento faz-se necessário que produza-se a banana para que aí se tenha a matéria prima. Diante disto, surgem algumas restrições ou limitação no que diz respeito a difusão dos processos, ficando as produções predominantemente concentradas em áreas rurais e de produção das matérias primas. Das artesãs entrevistadas, uma delas aprendeu o ofício em 2006 por meio de um curso ofertado pelo Serviço Brasileiro de Apoio as Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), outras duas passaram por formação em 2014 a partir de duas formações disponibilizadas pela Universidade Federal do Cariri (Figura 3) e pela Ceart, respectivamente. Ambas contaram como professora a artesã mencionada inicialmente.

Figura 3 - Encerramento Curso de Iniciação em Fibra de Bananeira



Fonte: Acervo do autor (2014)

4.2. A FIBRA

Voltando para os métodos de produção, iremos categoriza-los a partir da observação da produção das artesãs. As mesmas, obtém os troncos após a colheita da bananeira, não necessariamente em suas residências. Algumas recebem os troncos de regiões próximas e/ou vizinhos. Dentre os métodos das artesãs entrevistadas, identificou-se algumas divergências em seu modo de produção, que serão apresentadas a seguir separadamente, os processos serão unificados e detalhados em uma cartilha ilustrada que segue em (apêndice 2). Complementando as tecituras anteriores, observa-se que as atitudes e práticas das artesãs são fortemente influenciadas por seus hábitos originais. E ainda que suas trajetórias se diferenciem em alguns pontos, possuem práticas muito próximas.

Após análise dos resultados optou-se por manter os nomes das artesãs (Tabela 1), uma vez que foi produzido um documentário a partir das entrevistas. Para Garcez; Duarte; Einseberg (2011):

A identificação ou não dos sujeitos no texto final da pesquisa, por exemplo (se pelo nome verdadeiro, por um código criado pelo pesquisador ou por um pseudônimo escolhido pelo próprio sujeito ou pelo pesquisador), perde o sentido quando as imagens desses sujeitos são exibidas, já que estas os identificam tanto quanto ou até mais que seus nomes.

Tabela 1 - Nome, profissão e quantidade de filhos das artesãs

NOME	PROFISSÃO	QUANT. FILHOS
Dilma	Agricultora	1 filho
Corrinha	Agricultora	1 filho
Rosário	Dona de Casa	2 filhos
Têca	Artesã	3 filhos

Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

Artesã Dilma – Ao perguntá-la sobre o início do processo artesanal – a artesã nos relata que “(...) é, quando cortam os cachos, ai a bananeira não tem mais utilidade, né? Ai a pessoa vai e tira o tronco verde para fazer o artesanato (...)”. A artesã recebe os troncos da produção de um assentamento próximo à

sua residência. Ela relata que não beneficia todos os troncos disponibilizados pelo assentamento, ela produz a fibra de acordo com seu estoque e necessidade. Para ela, não é ideal que a produção das fibras ocorra no mesmo dia do corte. Segundo sua experiência, os processos são dificultados pela presença de muita “água” – referindo-se à seiva da planta – para ela, o ideal é que se esperem três dias, não mais, pois a diminuição em excesso da água também dificulta a produção. O seu local de trabalho é uma área coberta nos fundos de sua casa e seus instrumentos de trabalho são facão e faca e como mesa ela está usando um fogão antigo no qual o tampo é metálico. Para ela o metal ajuda a faca a “deslizar” na hora de raspar a fibra, “(...) agora eu arrumei foi um fogão velho, que é mais lisim da pessoa tirar (...)”. Aprecarização das condições de trabalho, históricas, são colocadas em um plano suspenso, já que em nenhum momento a artesã trás o seu foco para esta questão específica.

As fibras produzidas pela artesã são: filé, fibra e barriga – todas postas para secar sob sol, em varais – a mesma cita uma quarta parte, a renda, mas não a produz pois ainda não utiliza a mesma nas suas peças. Sobre o processo de beneficiamento ela completa que “(...) é um trabalho muito gostoso de fazer, mas é devagar (...)” Canclini (1997) pontua que esse “fazer devagar” caracteriza-se pelo fazer manual, onde todas as etapas são pensadas e executadas pelas artesãs, garantindo assim um desenho original, sem padronização, permitindo que sejam diferenciadas e possibilitando estabelecer relações simbólicas com os hábitos e estilos de vida mais simples. As técnicas dessa forma são vivas, permanecem se modificando e moldndo conforme os capitais simbólicos, econômicos e culturais perpassam a trajetórias dessas mulheres.

Artesã Corrinha e Artesã Rosário – As artesãs foram entrevistadas juntas. São irmãs, Corrinha domina a técnica e enquanto sua irmã, Rosário ainda em fase de aprendizagem, tendo sua irmã como instrutora. Durante a entrevista foi possível observar a atenção de Rosário para a maneira como sua irmã descrevia a técnica no que diz respeito ao beneficiamento dos troncos. Os processos são idênticos aos da Dilma. Entretanto, divergem na nomenclatura de uma das fibras, a parte central das baínhas do tronco, que a artesã Dilma chama de renda e as mesmas chamam de tela, Rosário - “(...) essa tela aqui a gente trabalha com ela separada pra fazer laço (...)”. Outra

divergência entre os métodos de produção apresentados foi no processo de secagem das fibras, para as irmãs as mesmas devem ser secas à sombra, pois o sol fragiliza e resseca a fibra. De acordo com as artesãs após oito horas as fibras já estão apropriadas para trabalhar, no entanto para estocar é necessário que as mesmas fiquem secando por três dias, para evitar a proliferação de bolores.

Artesã Têca – As bananeiras utilizadas pela artesã são obtidas em um cultivar da família que têm mais de 30 anos, as divergências nos métodos apresentados anteriores se relacionam principalmente ao intervalo entre a colheita e a produção das fibras e a utilização de uma nova técnica para obtenção de uma quinta fibra, não apresentada anteriormente. A artesã pontua que após o corte do tronco, o ideal é deixá-lo na horizontal, “hidratando” para só após beneficiar. As quatro artesãs concordam que a produção no mesmo dia da colheita dificulta os processos, mas a Artesã Têca complementa que a fibra obtida no mesmo dia da colheita tem duas características, fica mais “branquinha” só que “fraca”, sem resistência. A artesã complementa ainda sobre as diferenças da fibra a partir dos intervalos.

Artesã Têca - “A bananeira cortada hoje, se eu fizer a fibra hoje, ela vai ficar uma fibra fraca... bem branquinha, mas fraca. Qualquer uma que eu faça vai ficar fraca. Agora se eu cortar hoje e deixar esse tronco hidratando, que eu chamo de hidratar, por que ele vai ficar deitado e vai ficar o líquido hidratando essa fibra... Amanhã eu faço essa fibra que vai ficar... não vai ficar escura, vai ficar uma fibra bonita e vai ficar super forte. Quanto mais tempo deixar o tronco... por exemplo, se eu deixar três dias, a minha fibra vai ficando mais escura... não tem problema, as peças ficam lindíssimas (...)”

Com relação ao escurecimento da fibra a partir do intervalo colheita / beneficiamento, o mesmo ocorre possivelmente por conta do escurecimento enzimático do tecido vegetal provocado por enzimas peroxidase e polifenoloxidase a partir de um processo de oxidação (SILVA; et al, 2019).

Com relação a nova fibra, trata-se do fio, que é utilizado na tapeçaria em teares. Este fio, refere-se a mesma Fibra produzida por todas as artesãs submetida a um processo de desfilamento, utilizando uma escova e aço.

As etapas e processos de cada artesã foram sistematizadas na Tabela 2 para uma melhor compreensão das fibras e processos.

Tabela 2 - Tipos de fibras e seu processo de beneficiamento

NOME DA FIBRA	FERRAMENTAS UTILIZADAS	DESCRIÇÃO DO PROCESSO	INDICAÇÃO DE USO
Filé	Retirado com as mãos	A parte das extremidades das bainhas do tronco, aproximadamente 1,5 cm de cada lado.	O filé é indicado para acabamentos mais delicados, costura e crochê.
Fibra	Faca	A parte superior das bainhas, que possui mais brilho. Ela é separada das demais partes a com auxílio da faca. Pode ser retirada na espessura desejada. Após separada da bainha é raspada com auxílio da face sob uma mesa, até apresentar uma transparência e maior maleabilidade.	Indicada pra trançados de esteiras quando aberta e para trançado de peças com fôrmas, quando torcida.
Fio	Faca e escova de aço	Para a obtenção do fio é necessário submeter a fibra do processo anterior a uma etapa de desfilamento com a escova de metal.	Trama de tecidos em tear.
Renda ou Tela	Faca	É a parte central da bainha, com maior volume. Fica abaixo da fibra e antes da barriga. É retirada com auxílio da faca.	Laços decorativos.
Barriga	Faca	Parte inferior da bainha, após a retirada da renda é necessário raspar para tirar excesso de materiais e garantir uma fibra com melhor maleabilidade.	Revestimento de armações e fôrmas, trançado e produção de flores decorativas.

Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

As artesãs acompanhadas enfatizaram ao longo do processo de elaboração desta dissertação as dificuldades que tiveram que percorrer. E isso se manifesta em suas práticas e seus produtos. Diante de momentos em que elas se viam obrigadas a tomar decisões de trabalho, como: que peças produzir, que tipos de fibras ou que acabamento usar acabava recorrendo aqueles “costumes” que as fazem sentir mais confiantes e confortáveis e trazem um ar de familiaridade, por exemplo, ao tratar a fibra e conduzir o trabalho – tendo como ferramentas objetos que já fazem parte de seu cotidiano. Bourdieu (2015) fala a respeito de como um capital pode ser convertido em

outro, para outros membros da família, a exemplo das artesãs Corrinha e Rosário. E isso tende a ocorrer com maior intensidade com o passar das gerações. Um exemplo disso, é artesã Têca, que ensinou o seu saber a seus filhos ainda na infância, porém, conforme eles foram crescendo e tendo acesso à outros capitais, foram galgando degraus no que diz respeito ao conhecimento formal (ensino médio – ensino superior – pós graduação). Ou seja, foram tendo acesso a outros capitais culturais e simbólicos graças ao capital financeiro adquirido pela mãe e partilharam com ela, ao longo do seu processo, o que pode ser uma pista para sua visão divergente das demais artesãs no que diz respeito ao seu trabalho (BOURDIEU, 2015; SOUZA, 2009; 2010).

As práticas das artesãs e o acesso diferenciado aos capitais econômico e cultural demonstram o motivo desta diferença nas práticas relativas ao fazer. Tipos de peças, modelagens, meios pelos quais divulgam suas produções. Dessa forma as condições sociais de cada uma delas após iniciar as práticas com fibras de bananeira foram importantes para as tomadas de decisões futuras. A maneira como vivem em família, a maneira como investiram seu tempo e seus recursos revela gostos opções e alternativas que elas utilizam para se afirmar socialmente, repercutindo também, no produto final produzido por ela. Além disso, o fato delas se autodenominarem como agricultoras, artesã ou ambas diz sobre como se reconhecem u não enquanto grupo identitário, se estão ou não agrupadas por uma associação ou coletivo ligado as suas práticas e ainda mais, diz sobre como se reconhecem umas as outras. Veja, aqui nessa dissertação trago o início de uma jornada rumo ao estudo e aprofundamento das tecituras relacionadas a esse universo. São necessárias maiores e mais intensos mergulhos na rotina de fato, e vivências para trazer à tona com mais clareza as engrenagens que compõe esse campo.

É válido ressaltar que após toda a sistematização das etapas e processos de beneficiamento artesanal, foi produzida uma cartilha ilustrada já citada anteriormente (apêndice 3), objetivando a democratização do conhecimento e melhor compreensão de cada etapa.

4.3. ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS

O uso de referenciais teóricos de Bourdieu permite que se debruce na medida das possibilidades e limites do estudo, sobre como essas mulheres se

constituíram enquanto artesãs e o que lhes motiva no que diz respeito às suas práticas. Ao analisar os aspectos socioeconômicos da produção artesanal à luz das experiências das artesãs foi possível constatar que o mesmo se configura como um complemento à renda. Muito embora o setor artesanal venha ganhando visibilidade e valorização por meio de programas de incentivo, o seu consumo e valorização permanece principalmente em camadas mais abastadas da sociedade, em um cenário local, o consumo destes bens segue a passos lentos.

Cabe aqui trazer à luz, a discussão da importância das políticas públicas, programas de transferência de renda e leis de incentivo à cultura bem como de seus aparelhos e o quanto o desmonte de todas elas ao longo dos últimos anos trás em um dos tentáculos de um governo declaradamente genocida a precarização cada vez maior das oportunidades de início, desenvolvimento e manutenção da cultura e suas vertentes neste país.

A condição social de cada agente as leva a constituição e reprodução de um capital cultural que é recusado e negligenciado pelas classes dominantes. É um tipo de capital que não tem real valor diante dos capitais culturais, financeiros e acadêmicos, por não terem acessos a estes capitais vão reproduzindo o que apreendem da cultura popular, pouco tratada por Bourdieu, mas de fato negligenciada no que diz respeito a marcadores sociais, geração após geração. E a cultura em uma sociedade segmentada e dividida em classes é uma espécie de moeda em que as classes dominantes acabam por usar ao seu favor e acentuam ainda mais as diferenças deixando-as clara para a classe dominada (SOUZA, 2009; SETTON, 2009; FREIRE, 1968).

A cultura então passa a se transformar em um instrumento na mão das classes dominantes impondo certas “regras do jogo” à classe dominada, denominada por Jessé Souza como Ralé, que por sua vez desconhece as regras deste jogo (SOUZA, 2009). Sendo assim são expostas a este jogo que não sabem jogar e se vêem necessariamente dependentes de quem realmente sabe as regras do jogo.

Essa regra do jogo pode ser observada quando analisada a comercialização destas peças que normalmente está condicionada ao deslocamento da área de produção ou adequação de seus produtos às exigências do mercado. A comercialização das artesãs se dá, principalmente,

através de feiras de artesanato promovidas por instituições de fomento ao setor, como a FEIRART – Feira de artesanato promovida pelo governo do estado – e em função de eventos artísticos e culturais, tais como: Expocrato, Mostra Sesc Cariri de Culturas (que vem sofrendo com a falta de incentivo dia após dia, como já foi dito anteriormente). Onde o fluxo de pessoas de outras regiões aquece o mercado local e promove um aumento nas vendas. Apenas uma das artesãs relatou a utilização de mídias digitais para a divulgação e comercialização de seus produtos. Foi observado que a comercialização do artesanato se configura como complemento à renda, sendo a agricultura a principal atividade das artesãs. Partindo do questionamento sobre melhorias promovidas pelo artesanato em suas vidas, apresentamos a seguir (Tabela 3) alguns trechos das respostas.

Tabela 3 - Melhorias proporcionadas pelo artesanato

MELHORIAS	
RELATO	ARTESÃ
"Trouxe Conhecimento."	Dilma
"Fiquei mais divertida!"	Dilma
"Quando eu comecei realmente a viver!"	Têca
"Conhecer outras pessoas."	Têca
"Eu diria que a parte social pra mim eu ganhei mais que a parte financeira, ainda ganho."	Têca
"No início sim, no início melhorou bastante, mas depois foi parando e agora por conta da pandemia a gente tá praticamente parado."	Corrinha
"Tanto na parte pessoal, como na parte financeira, a gente se distrai bastante né, fazendo esse trabalho, porque é um trabalho muito divertido e quando gera trabalho em grupo é melhor ainda."	Corrinha
"No início ficava só eu e meu esposo, ele saía pra trabalhar e eu ficava preenchendo o tempo."	Rosário
" Se não fosse o artesanato, nessa pandemia, a gente já tava era doído."	Dilma

Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

A partir das suas experiências ordinárias nos seus locais de origem, moradia e trabalho, com base em uma posição social já características desse

tipo de trabalho, as agentes constroem com o passar do tempo, determinadas configurações mentais que acabam funcionando como princípios e por meio deles avaliam e classificam as coisas do mundo que as rodeiam (BOURDIEU, 2015).

As colocações apresentadas apontam que questões financeiras não foram prioridades no primeiro momento, ao atrelarmos o artesanato com melhorias, as artesãs relacionaram à ganhos sociais principalmente. Evidenciando a função social e a capacidade de ressignificação dessas relações através do artesanato. Muito embora essas melhorias possam estar relacionadas inclusive com uma maior autonomia financeira proporcionada pela comercialização dos mesmos. A partir da fala em que a Artesã Dilma relata que a prática a deixou mais divertida, foi indagada se antes não era, tendo como resposta:

“(...) não, antes era só de casa pro trabalho, do trabalho pra casa...da roça, da roça pra casa. E agora não, agora não, porque no período da do, da seca.. no período que a roça acaba, né?... ai eu me interto muito com minhas peças (...)” (Artesã Dilma).

A fala em questão evidencia dois aspectos do artesanato já mencionados nesta pesquisa. A primeira, com relação a proporcionar mais “alegria”, neste caso, a alegria está relacionada diretamente com a ocupação de um tempo ocioso, sentindo-se produtiva. O segundo aspecto é com relação ao papel do artesanato com o complemento da renda em regiões semiáridas, muitas vezes expostas a condições extremas de alimentação por exemplo, mesmo não estando explicito, a artesã comenta que as “roças” se acabam, ficando o artesanato como única atividade. Isso se dá pela irregularidade pluviométrica característica das regiões semiáridas, que inviabilizam atividades como a agricultura durante todo o ano, corroborando com Lemos; Ferreira e Botelho (2016).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendendo o artesanato com fibra de bananeira como uma prática estratégica para o desenvolvimento socioeconômico dos sujeitos e que a técnica ainda passa por uma fase de difusão, para então tornar-se parte da cultura e tradição do cenário artesanal do Cariri cearense onde os conhecimentos serão repassados entre as gerações. A sistematização dos saberes e técnicas artesanais a contribuirão com o desenvolvimento socioeconômico dos artesãos no que tange o acesso ao conhecimento. Uma vez que os produtos desta pesquisa foram baseados nas práticas e saberes das artesãs participantes do projeto. Desta forma, tais conhecimentos contribuirão com a valorização do saber tradicional, podendo o mesmo servir de base para a construção de processos formativos mais empáticos tendo como cerne as práticas culturais as quais elas pertencem.

Observando ainda que todos os grupos produtivos tiveram acesso ao conhecimento a partir de cursos e formações financiadas por órgãos de apoio e fomento ao segmento no estado. Torna-se de fundamental importância a democratização dos processos envolvidos na produção dos artefatos. A sistematização e promoção desses conhecimentos de forma clara e objetiva podem contribuir de forma efetiva na perpetuação da técnica e promoção de desenvolvimento socioeconômico de artesãos e agricultoras de diversas localidades da região. Principalmente diante do cenário nacional em que nos deparamos, com o aumento da miséria, da fome, do aumento de desertos alimentares e nutricional que é o genocídio alimentar e nutricional de pessoas em sua maioria pretas, periféricas, nordestinas de regiões rurais e povos originários, em virtude da crise sanitária e humanitária em que nos encontramos e da política declaradamente genocida do governo que está à frente de nossa nação.

Durante o percorrer da pesquisa, surgiram algumas inquietudes que deixo como questionamentos para trabalhos futuros. Até que ponto os órgãos de fomento, as lojas de artesanato e sites de comercialização acabam contribuindo para que essa cultura dominante continue sendo imposta. Ou seja, quem por algum motivo acaba tendo acesso á esses marcadores culturais – que são a exceção – acabam sendo favorecidos em detrimento dos outros. E

os desfavorecidos são sempre aqueles artesãos que não tiveram acesso à esses marcadores culturais dominantes. Ou seja, eles não conseguem dominar os mesmos marcadores culturais, que são valorizados pela classe dominante e acabam então indo por três caminhos. O primeiro deles se vê obrigados a produzir baseados nos marcadores culturais da classe dominante, para que obtenham um maior número de vendas, consigam estarem presentes nas feiras promovidas por órgãos de fomento. O segundo caminho os levam a produzirem baseados nos capitais culturais regionais que são desvalorizados pelas classes mais abastadas tendo reflexo nas vendas. E, por último, terem estes mesmos produtos criados e produzidos com base em seus capitais culturais regionais levados por essa classe dominante a lugares elitizados e tem seus valores elevados a status de refinamento, sem tampouco dar créditos aos artesãos.

REFERÊNCIAS

ABREU, Odilia Josefina Fernandes. **Utilização da Fibra de Bananeira Para a Produção de Embalagens Ecológicas**. 2017.

ABBONIZIO, M.A.O. **Aproximação teórica das intervenções do design no artesanato com os princípios pedagógicos de Paulo Freire: caminhos para uma prática emancipatória**. Dissertação de mestrado – UFPR, Curitiba, 2009

ALBAGLI, Sarita. Informação e desenvolvimento sustentável: novas questões para o século XXI. **Ciência da Informação**, v. 24, n. 1, 1995.

Araújo FMB, Alves EM, Cruz MP. Algumas reflexões em torno dos conceitos de campo e de habitus na obra de Pierre Bourdieu. **Revista Perspectivas da Ciência e Tecnologia** [Internet]. 2009 [acesso em 30 janeiro 2021]; 1 (1): 31–40. Disponível em: <http://revistascientificas.ifrj.edu.br:8080/revista/index.php/revistapct/article/view/14>

BAUMAN. **Vida para consumo: A transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008

BARBOSA, G. S. (2008). O desafio do desenvolvimento sustentável. *Revista Visões*, 4(1), 1-11,

BARBOSA, L. **Sociedade de Consumo**. Zahar. 2004.

BARBOSA, L; CAMPBELL, C. *Cultura, consumo e identidade*. FGV editora. 2006

BAUDRILLARD, J. . **A Sociedade de Consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995

Bourdieu P. **A Distinção - Crítica Social do Julgamento** .2ª. ed. Porto Alegre: Editora Zouk; 2015.556p.

Bourdieu P. **A economia das trocas simbólicas** [Internet]. 7o ed. Miceli S, editor. São Paulo; 2011 [acesso em 3 fev. 2021]. Disponível em: <https://cbd0282.files.wordpress.com/2013/02/bourdieu-pierre-a-economia-das-trocas-simbc3b3licas.pdf>

Bourdieu P. **A dominação masculina**. Bertrand Brasil; 2011

Bourdieu P. **A gênese dos conceitos de habitus e de campo**. In: O poder simbólico. 5. Ed.. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2002. p. 59–73.

Bourdieu P, Ferreira R, Lins D. O campo econômico: a dimensão simbólica da dominação. In: A socioanálise do sociólogo [Internet]. Campinas: Papiro; 2000 [acesso em 01 fevereiro 2021]. p. 71–81. Disponível em: http://nau.ufsc.br/files/2010/09/Bourdieu_O-campo-economico.pdf<http://scholar.google.com/scholar?hl=en&btnG=Search&q=intitle:O+campo+econ?misco:+a+dimens?o+simb?lica+da+domina??o#0>

Bourdieu P. **La miseria del mundo** [Internet]. 1999 [acesso em 31 março 2021]. Disponível em: <https://books.google.com/books?hl=pt-BR&lr=&id=zXcsfyBABtQC&pgis=1>

Bourdieu P. **As regras da arte**. 1ªed. Machado ML, editor. São Paulo: Cia Das Letras; 1996. 424 p.

Bourdieu P. **Lições da aula**. 2ª ed. Ática, São Paulo; 1994. 32 p.

Bourdieu P. **A economia das trocas simbólica**. São Paulo: EDUSP; 1974 [acesso em 16 março 2021]. p. 1–28. Disponível em: <http://ucbweb2.castelobranco.br/webcaf/arquivos/12933/11099/AEconomiasTrocasLingsitcasPierreBourdieu.pdf>

BORGES, A.L.; SOUZA, L. da S. **O cultivo da Bananeira**. Cruz das Almas: Embrapa Mandioca e Fruticultura Tropical. 279p. 2004.

CAÇÃO, M. M. de F.; AFERRI, G.; MARTINS, A. N.; Utilização dos resíduos da bananicultura na alimentação de ovinos. **Pesquisa & Tecnologia**, Campinas, v.8, n. 2, Jul-Dez, 2011.

CAMPOS, Heliana Kátia Tavares. Renda e evolução da geração per capita de resíduos sólidos no Brasil. **Engenharia Sanitária e Ambiental**, v. 17, n. 2, p. 171-180, 2012

CANCLINI, Néstor G. **As Culturas Populares no Capitalismo**. Trad. Cláudio N. P. Coelho. São Paulo: Brasiliense, 1982

CANIATO, Angela Maria Pires; NASCIMENTO, Merly Luane Vargas. A subjetividade na sociedade de consumo: do sofrimento narcísico em tempos de

excesso e privação. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 62, n. 2, p. 25-37, 2010.

CAPITANI, Daniel Henrique Dario; GARAVELLO, Maria Elisa de Paula Eduardo. A atividade artesanal com fibra de bananeira sob a perspectiva do ecodesenvolvimento. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 2, n. 1, 2007.

COELHO, R. R. P.; MATA, M. E. R. M.C.; BRAGA, M. E. D. Alterações dos componentes nutricionais do pseudocaule da bananeira quando processados visando sua transformação em palmito. **Revista Brasileira de Produtos Agroindustriais**, v.3, n.1, p.1-26, 2011.

CUNHA, Luiz Antônio. **Ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata**. SciELO-Editora UNESP, 2005.

DA SILVA, Emanuelle Kelly Ribeiro. Design e artesanato: um diferencial cultural na indústria do consumo. **Actas de Diseño. Facultad de Diseño y Comunicación. Universidad de Palermo. ISSN**, v. 1850, p. 2032, 1850

DOS SANTOS, A. C. Entre fios e tramas: mulheres e tecelagem na Chapada dos Veadeiros. 2019.

DINIZ, T. T.; GRANJA-SALCEDO, Y. T.; OLIVEIRA, E. M. de; VIEGAS, C. R.; Uso de subprodutos da bananicultura na alimentação animal. **Rev. Colombiana Cien. Anim.**, v.6, n. 1, p. 194-212, 201

DE HOLANDA, Sérgio Buarque; EULÁLIO, Alexandre; RIBEIRO, Leo Gilson. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

De Oliveira RC. **Caminhos da identidade: ensaios sobre etnic idade e multiculturalismo** [Internet]. UNESP. São Paulo; 2006 [Acessado em 20. Março 2021]. 251 p. Disponível em: <https://books.google.com/books?hl=pt-BR&lr=&id=NTvV0skyZXoC&pgis=1>

DE SOUZA, Diego Françoes et al. As contribuições da economia circular para as políticas de sustentabilidade nas áreas de mobilidade urbana e resíduos sólidos no estado do rio grande do sul. In: **IX SIEPEX-IX Salão Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão**. 2019.

Fleury MTLs, Gilberto. **Entre a antropologia e a psicanálise: dilemas metodológicos dos estudos sobre cultura organizacional** [Internet]. [Acessado em 20 de maio 2021]. Disponível em from: <file:///C:/Users/Samantha/Sales/Downloads/3201023.pdf>

FLEURY, Catherine Arruda Ellwanger. **Renda de bilros, Renda da terra, Renda do Ceará: a expressão artística de um povo**. Fortaleza: Annablume, 2002. 450 p.

Flick U. Pesquisa qualitativa. 2º. Bookman, editor. Porto Alegre; 2009. 157 p.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS - FAO. **FAOSTAT: production-crops**. Disponível em: <http://faostat.fao.org/site/567/DesktopDefault.aspx?PageID=567#ancor>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

FOSTER, ALLAN; ROBERTO, SAMANTA SOUZA; IGARI, ALEXANDRE TOSHIRO. Economia circular e resíduos sólidos: uma revisão sistemática sobre a eficiência ambiental e econômica. **Encontro Internacional sobre Gestão Empresarial e Meio Ambiente**. São Paulo. Disponível em:< <http://engemausp.submissao.com.br/18/anais/arquivos/115.pdf>>. Acesso em, v. 5, 2017.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 1968.

GARCEZ, Andrea; DUARTE, Rosalia; EISENBERG, Zena. Produção e análise de vídeograções em pesquisas qualitativas. **Educação e Pesquisa**, v. 37, n. 2, p. 249-261, 2011.

GERASSEV, L. C.; MOREIRA, S. de J. M.; ALVES, D. D.; AGUIAR, A. C. R.; MONÇÃO, F. P.; SANTOS, A. C. R. do; SANTNA, C. J. L.; VIEGAS, C. R. Viabilidade econômica da utilização dos resíduos da bananicultura na alimentação de cordeiros confinados. **Rev. Bras. Saúde Prod. Anim...**, Salvador, v.14, n.4, p.734-744, out./dez, 2013.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social / Antonio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo : **Atlas**, 2008.

GODECKE, Marcos Vinicius; NAIME, Roberto Harb; FIGUEIREDO, João Alcione Sganderla. O consumismo e a geração de resíduos sólidos urbanos no Brasil. **Revista Eletrônica em gestão, educação e tecnologia ambiental**, v. 8, n. 8, p. 1700-1712, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, **Levantamento Sistemático da Produção Agrícola**. Rio de Janeiro v.30 n.1 p.1-81 janeiro.2017

KREMER, Joelma. **Caminhando rumo ao consumo sustentável: uma investigação sobre a teoria declarada e as práticas das empresas no Brasil e no Reino Unido**. PPG em Ciências Sociais. PUCSP, São Paulo, 2007. 323 p

LEMOS, Jose de Jesus Sousa; DE QUEIROZ FERREIRA, Uilma Cardos; BOTELHO, Demartone Coelho. **IRREGULARIDADE PLUVIOMÉTRICA IMPACTANDO A AGRICULTURA FAMILIAR NO SEMIÁRIDO DO NORDESTE: ESTUDOS DE CASO PARA O CEARÁ**.

LIMA, R. (2007). **Objetos: Percursos e Escritas Esculturais**. São José dos Campos, SP: Centro de Estudos da Cultura Popular/ Fundação Cultural Cassiano Ricardo

MAIA, B. G. de O.; SOUZA, O.; MARANGONI, C.; HOTZA, D.; OLIVEIRA, A. P. N. de; SELLIN, N. Production and characterization of fuel briquettes from Banana leaves waste. **Chemical Engineering Transactions**, v.37, p. 439-444, 2014.

MANICA, I. **Fruticultura Tropical 4, Banana**. Editora Cinco Continentes. Porto Alegre. 485f. 1997.

MARTINS, A. N.; FURLANETO, Fernanda de Paiva Badiz. Bananicultura: pesquisas voltadas para a agricultura familiar. **Revista Tecnologia & Inovação Agropecuária**, v. 1, n. 2, 2008.

MARX, Karl. **O Capital - Crítica da Economia Política**. Livro 1 – O Processo de Produção do Capital, vol.1-2. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

MAYKUT, Pamela; MOREHOUSE, Richard. **Beginning qualitative research: A philosophical and practical guide**. Routledge, 2002.

Oliveira LR. Ensaios Antropológicos Sobre Moral e Ética [Internet]. 1996 [acesso em 18 maio 2021]. 34-40 p. Disponível em: https://www.academia.edu/7275379/Ensaios_Antropol%C3%B3gicos_Sobre_Moral_e_%C3%89tica

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. 2015. Traduzido pelo Centro de Informação das Nações Unidas para o Brasil (UNIC Rio), última edição em 13 de outubro de 2015. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/> Acesso em: 15 jan. 2021.

Paugam S. A Pesquisa Sociológica. 1o ed. Petrópolis: Vozes; 2015. 381 p

RAMOS, S. P. Políticas e Processos Produtivos do Artesanato Brasileiro como Atrativo de um Turismo Cultural. **Revista Rosa dos Ventos** 5(I) 44-59, jan-mar, 2013

Setton M da GJ. A socialização como fato social total: notas introdutórias sobre a teoria do habitus. **Revista Brasileira de Educação** [Internet]. Agosto,2009 Ver. Brasil. de Educ. – ANPEd; [acesso em 09 maio 2021];14 (41): 296–307. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782009000200008&lng=em&nrm=em&tlng=pt

Souza J. **Ralé brasileira: quem é e como vive**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG; 2009. 484 p.

Souza J. A **invisibilidade da desigualdade brasileira**. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=10705405>. 2004.

SOFFNER, Maria de Lourdes Aparecida Prudente. **Produção de polpa celulósica a partir de engaço de bananeira**. 2001. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

Schutz A. Sobre Fenomenologia E Relações Sociais [Internet]. 1979 [acesso em 12 fevereiro 2021]. P. 100–5. Disponível em: <http://www.livrariacultura.com.br/p/sobre-fenomenologia-e-relacoes-sociais-29635124>

VEIGA, Rosângela Mendanha da et al. Do lixão à Economia Circular: um salto possível?. 2019.

APÊNDICES

Apêndice 1 - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E SOM

Eu, _____, portador(a) do CPF _____, AUTORIZO a **SAYMO VENICIO SALES LUNA** sediado(a) em **AVENIDA TEODORICO TELES, 577, SÃO MIGUEL – CRATO -CE**, a utilizar a minha imagem, em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e voz, capturados durante a entrevista concedida. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, sempre que relacionado com sua pesquisa de mestrado “Artesanato têxtil com fibra de bananeira: saberes e práticas de artesãs do Cariri cearense”. Podendo ser veiculada das seguintes formas: (I) folhetos em geral (encartes, mala direta, cartilha, etc.); (II) folder de apresentação; (III) anúncios em revistas e jornais em geral; (IV) homepage; (V) cartazes; (VII) back-light; (VIII) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros).

Por meio desta autorização ora concedida, autorizo SAYMO VENICIO SALES LUNA, ainda a realizar nas imagens e sons captados, cortes, reduções e edições. Esta autorização não gera e não gerará no futuro e também não ensejará interpretação de existir quaisquer vínculos ou obrigações trabalhistas, securitárias, previdenciária, indenizatória, ou mesmo empregatícia, entre o(a) cedente e a SAYMO VENICIO SALES LUNA

DECLARO, portanto, que estou de acordo com essas imagens, que não violam os direitos de imagem e de privacidade do cedente, e que tenho ciência que este material constituído por imagens e sons pertence exclusivamente **SAYMO VENICIO SALES LUNA** que poderá usá-lo exclusivamente para fins mencionados anteriormente.

Barbalha, 02 de abril de 2021.

Assinatura do Cedente

Apêndice 2 – Link do Curta-documentário

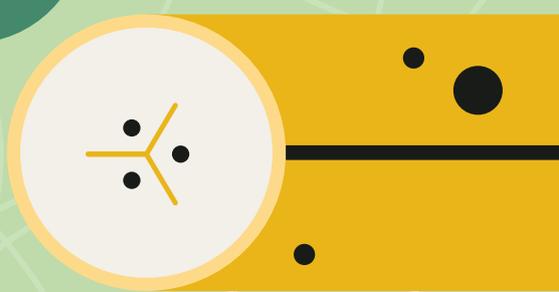
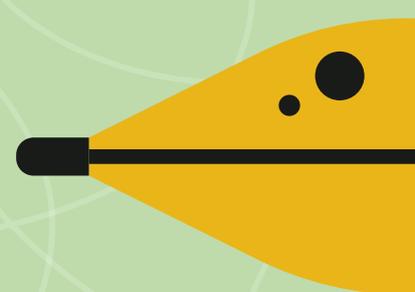
https://www.youtube.com/watch?v=Ptfv9hQzuS4&ab_channel=Imbiras

Apêndice 3 – Imbiras – Cartilha ilustrada do beneficiamento da fibra de bananeira

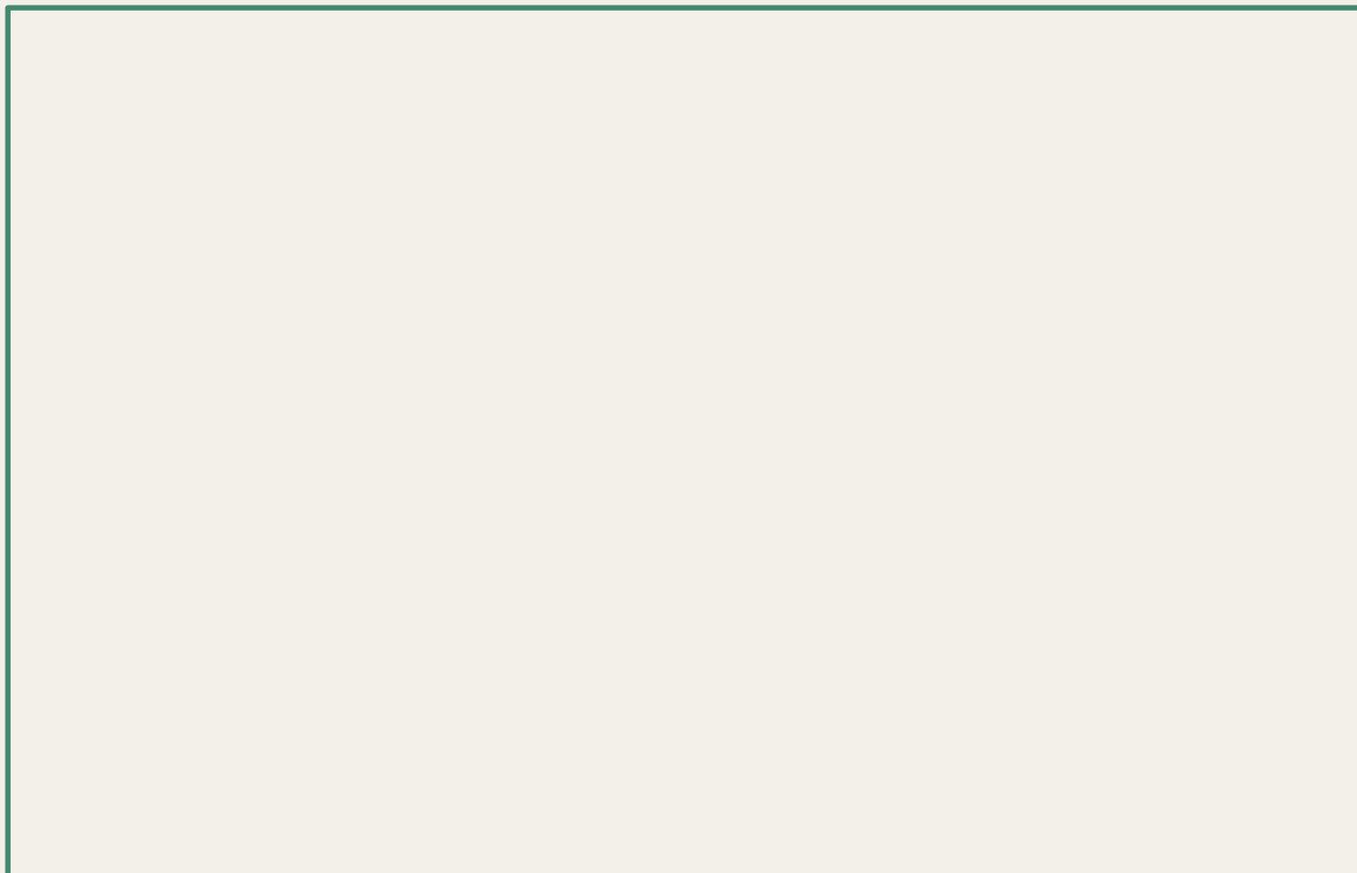


IMBIRAS

Cartilha de Beneficiamento
da Fibra de Bananeira



CARIRI - CE
2021



AUTOR/PESQUISADOR: Saymo Venicio Sales Luna

ORIENTADORA: Etienne Amorim Albino da Silva Martins

COLABORADORES:

ARTESÃS: Francisca Sales da Silva, Francisca Pinheiro Monte,
Maria do Socorro de Souza Silva, Maria do Rosário de Souza.

PROJETO GRÁFICO E ILUSTRAÇÕES: Ana Luiza Batista da Silva

FOTOGRAFIA: Rondinele Furtado

REVISÃO TEXTUAL: Samantha Sales

DISPONÍVEL EM:

Agradecemos aos colaboradores da pesquisa em especial às artesãs pela partilha do conhecimento e colaboração com a construção deste material. Vida longa ao artesanato!

APOIO



SUMÁRIO

○	PREFÁCIO	04
○	APRESENTAÇÃO DO AUTOR	05
○	Conhecendo a Rita	06
○	CULTIVO DA BANANA	08
○	PROCESSO DE BENEFICIAMENTO	09
○	TIPOS DE FIBRA	13
○	Filé	13
○	Fibra	14
○	Barriga	15
○	Renda	16
○	Fio	17
○	ARTEFATOS DE FIBRA	19
○	Despedida de Rita	20
○	REFERÊNCIAS	22

PREFÁCIO

APRESENTAÇÃO DO AUTOR

O Artesanato é algo que está presente em minha vida desde o início. Filho de artesã, mulher multipotencial que por muitas vezes buscou no artesanato forças e sustento para seguir lutando pelo que acreditava. A fibra de bananeira surge neste contexto, após os bordados, pinturas, crochês e outras tantas técnicas que já havia desenvolvido. Eu com doze anos e uma enorme vontade de aprender, acompanhei a trajetória da fibra na região do Cariri, fosse ao lado de minha mãe horas a fio dentro do bananal, fosse auxiliando ela em cursos e encomendas, sempre após as atividades do colégio, era um lazer!

Na graduação, em Design de Produto pela Universidade Federal do Ceará, Campus Cariri - hoje Universidade Federal do Cariri - tive oportunidade de ter contato com uma infinidade de processos e conhecimentos que hoje uso para contribuir com o desenvolvimento dessas práticas manuais que tanto me fascinam. De forma singela, mas com o propósito de ir crescendo a cada dia junto com todes.

Esta cartilha é resultado de um desejo que me acompanha desde a graduação. Como democratizar esses processos e contribuir com essa tipologia que tanto me instiga? A Imbira é mais um passo dado por mim, de mãos dadas com todes que já me auxiliaram e dividiram seus conhecimentos comigo. Nossa personagem, a Rita, é uma homenagem a Dona Ritinha (in memoriam) uma amiga, artesã, mãe e avó que deixou este plano recentemente.

Desejo à todes uma excelente leitura, que possamos cada vez mais transformar o mundo através do conhecimento.

Com carinho,
Saymo.

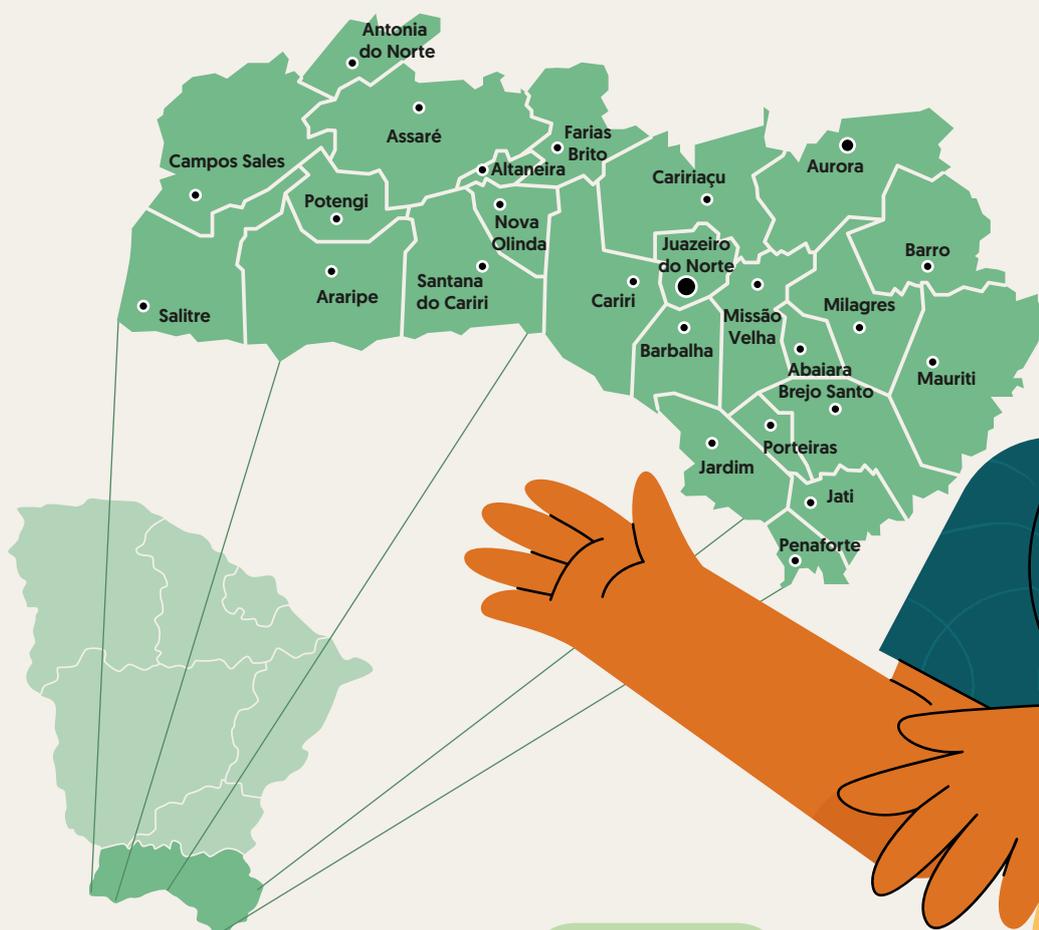


Oi, meu nome é **Rita**! Tudo bom com vocês?
Eu sou **artesã** e moro na **região do Cariri**.

Saymo e **Etienne** me chamaram para falar um pouco sobre o **preparo da Fibra de Bananeira**.
Pois, vamos lá!

- Antes de começar, me digam uma coisa... Vocês sabem o que é **Imbira**?
- Não?! Pois mais tarde eu conto para vocês!
- Pra mim, a banana é sinônimo de cuidado! Cuidado com a terra, com as pessoas e comigo mesmo.
- Porque minha mãe sempre dizia que tudo que a terra te dá é por um motivo. E não é possível que uma planta como a banana tenha um motivo só.
- Além da banana, a fruta, a gente pode usar a casca como refogado e fazer lambedor do mangará, principalmente se for sem veneno.
- E o resto da planta eu posso ir separando camada por camada tipo uma cebola. E cada uma tem uma característica, essa é a fibra!
- O que sobra no fim de tudo a gente mistura na terra e vira adubo.

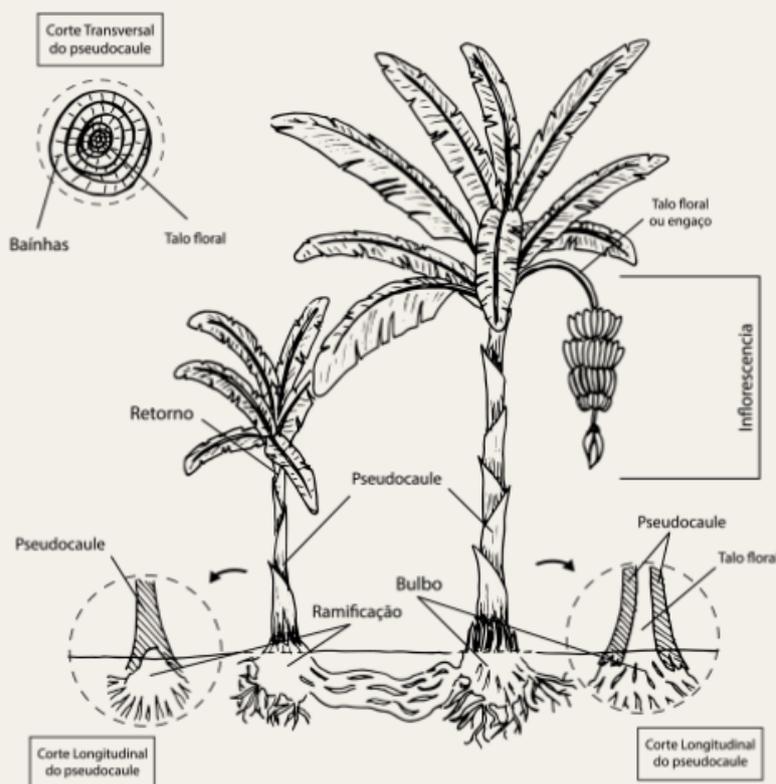
- Aqui onde eu moro, no Cariri, tem banana em abundância. **Vocês conhecem o Cariri?**
- **O Cariri é uma região que fica no estado do Ceará, bem na pontinha, já colado no estado de Pernambuco. Essa região é muito rica, pense!**
- **E nela muitas cidades já trabalham com fibra de bananeira...**
- E em cada um desses lugares, a fibra é usada de muitas maneiras.
- E em cada uma delas, a cor, a textura e a forma de uso mudam, porque ninguém é igual, então os resultados são sempre diferentes.
- Tem quem trança a firma, quem usa forma, faz caixa, flores, móveis e até tecidos!
- Hoje eu vou te ensinar a preparar a fibra, mas outro dia a gente se encontra, eu trago o bolo, vocês o café e a gente aprende juntas como usar essa fibra para fazer de um tudo.
- Mas antes de a gente aprender a fazer essa fibra, vamos aprender um pouco mais sobre a bananeira.
- Aqui, eu vou deixar um texto que Saymo escreveu, qualquer coisa, vocês podem tirar a dúvida com ele nesse endereço aqui: imbiras.org@gmail.com



CULTIVO DA BANANA

No Brasil, o cultivo da banana está distribuído em todo território, sejam em cultivares industrial ou familiar. Sendo no Nordeste a maior produção nacional [33,74%] com 2.251.907 t, seguido pelo Sudeste [32,91%] com produção de 2.196.993t. São Paulo, Bahia, Santa Catarina, Minas Gerais e Pará, estão entre os estados que mais produzem o fruto, os mesmos correspondem a 58% da produção nacional. Em torno de 90% da produção do fruto destina-se para o mercado interno para fins industriais ou consumo in natura (IBGE, 2017).

A bananeira é morfologicamente composta por raízes, talo floral, pseudocaule, folhas e inflorescência. O tronco da bananeira na verdade é um pseudocaule, formado por bainhas das folhas superpostas que saem desde a base da planta, denominadas de bulbo [a parte da planta que fica soterrada]. O falso tronco ou pseudocaule é formado a partir do aparecimento de folhas sucessivamente dispostas de forma helicoidal e em conjunto. Segundo Coelho, Mata e Braga (2001), para cada pseudocaule é produzido uma só inflorescência e, por conseguinte, um só cacho de banana, onde, em seguida, deverá ser cortado para obtenção do fruto. A continuidade da produção ocorre a partir de outros rebentos que brotam a partir do bulbo, também conhecido como rizoma. O desenvolvimento da bananeira é feito por via vegetativa, com o plantio, de uma maneira geral, de partes do rizoma que sejam portadores de brotos.





Quanta coisa, né?! Aprender é sempre bom. Agora, vamos para a fibra!

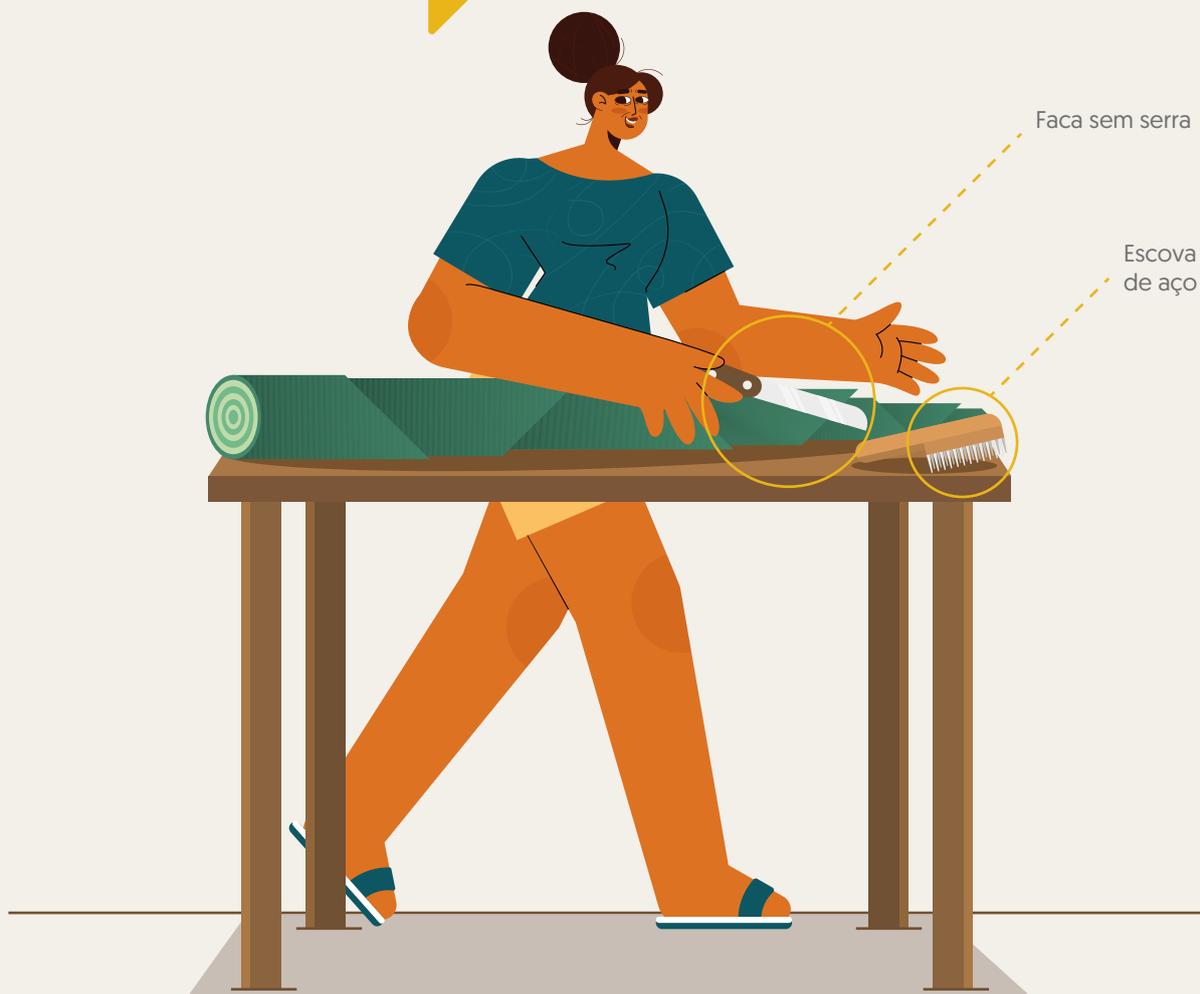
PROCESSO DE BENEFICIAMENTO



#1

1º Primeiro nós cortamos a bananeira quando o cacho estiver no ponto ou aquelas que são chochas, sabe?

A gente vai precisar de uma faca sem serra, uma escova de aço (vende em loja de material de construção, bem baratinha) e de uma mesa.

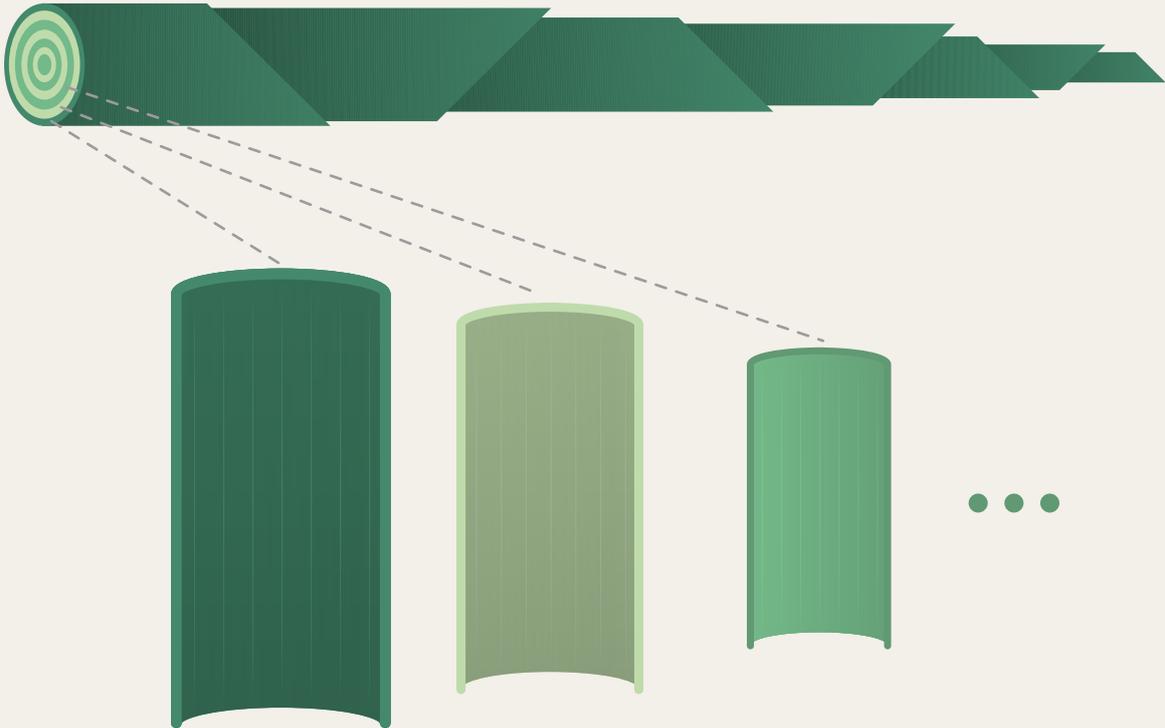


PROCESSO DE BENEFICIAMENTO



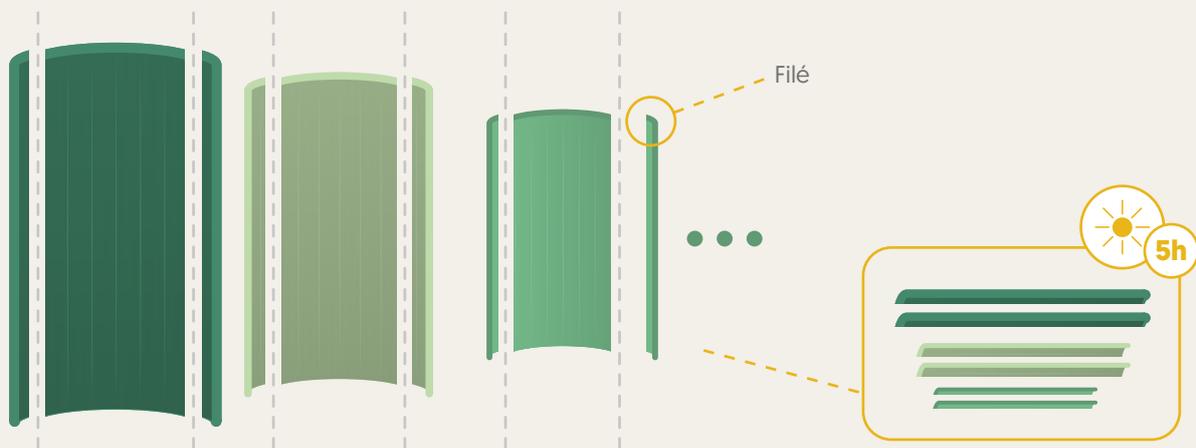
#2

Na sequência a gente separa as baínhas do tronco, que são essas camadas, tipo uma cebola. Saymo falou dessas baínhas no texto acima.



#3

Com o tronco todo dividido a gente vai retirar os filés, que é a parte da borda de cada baínha, só uma tirinha de cada lado. Essa é a mais fácil de fazer, pois é só retirar com a mão mesmo e já colocar pra secar, em uma 5 horas já vão estar boas para trabalhar.



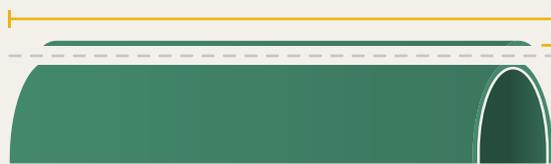
PROCESSO DE BENEFICIAMENTO



#4

Pronto, agora a gente vai separar as fibras, a barriga e a renda. Com ajuda de uma faca nós vamos retirando a parte de cima das bainhas, a que é mais brilhosa chamamos ela de fibra. A gente tira na largura que ficar melhor para o nosso trabalho, depois a gente apoia a fibra em uma mesa e raspa ela bem direitinho, pra ficar bem fininha e boa de trabalhar.

Faca sem serra



Recorte da parte superior da bainha
Visão lateral do corte



Faca sem serra



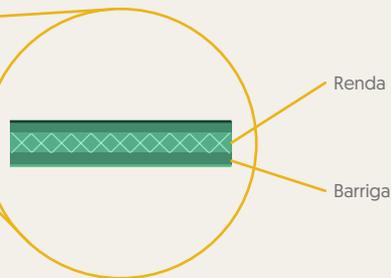
Recorte da parte superior da bainha
Visão superior do corte

#5

Quando a gente tira com a faca a parte da fibra, que é a mais brilhosa, fica a barriga e a renda, a renda é o meio da bainha, que tem uns furinhos. Ainda com a faca a gente separa, apoiado em uma mesa essa parte furadinha da parte de baixo, dessa forma termos a barriga e a renda ou tela.



Bainha



Renda

Barriga

Faca sem serra



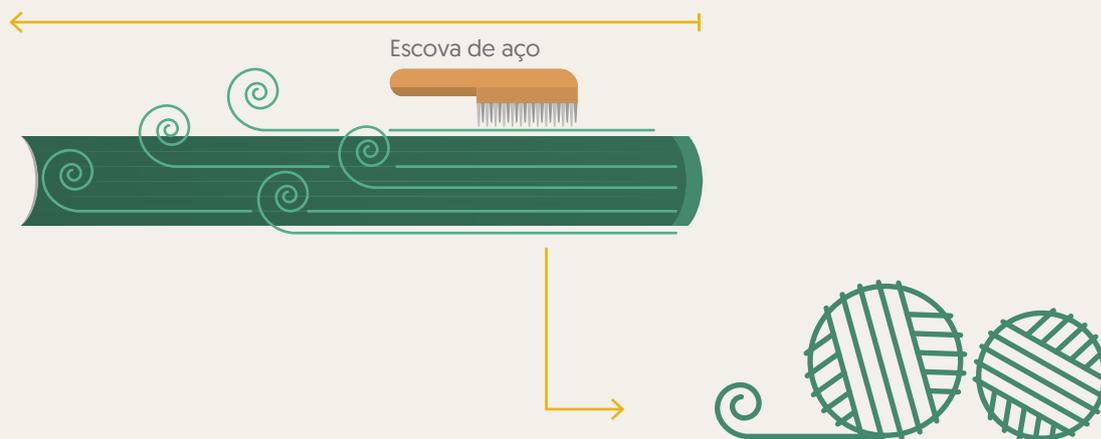
Recorte da parte interna da bainha
Visão superior do corte

PROCESSO DE BENEFICIAMENTO

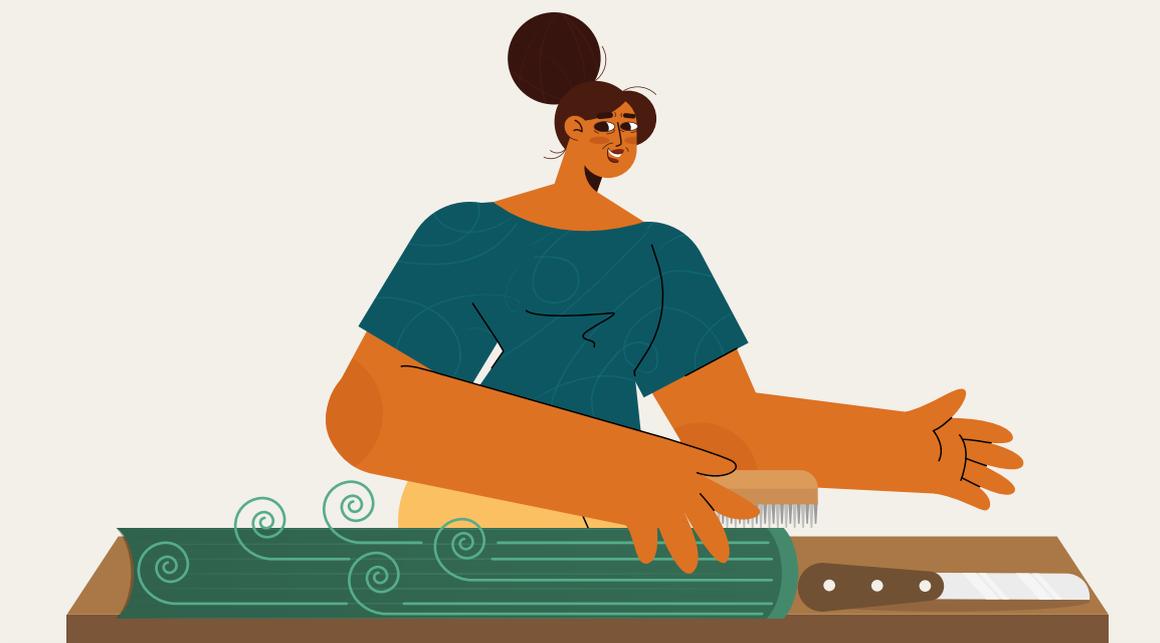


#6

Agora se você quiser uma fibra bem fininha, boa pra usar em um tear, você pega a fibra do passo 4, depois que raspar ela com a faca, e passa uma escova de aço, como se estivesse penteando. Vai ficar maravilhosa.



Por fim é só esperar secar, tem gente que coloca no sol, tem gente que coloca na sombra, o que não pode é trabalhar com ela sem tá sequinha, para suas peças não mofarem, tá?





Pois pronto, depois dessa parte do preparo da fibra, a gente precisa entender os tipos de fibra que podemos ter.

TIPOS DE FIBRAS



Filé

É a parte mais nobre do tronco, igual filé mignon, sabe? Essa é a parte que fica nas extremidades da bainha, que Saymo explicou lá no texto. Só tem uma tirinha de cada lado. O filé é a parte mais molinha, tanto que é usada principalmente para acabamentos finos e crochê. Olha esse exemplo aqui:



Fonte: Arquivo pessoal do autor - 2014.



TIPOS DE FIBRAS



Fibra

Depois a gente tem a fibra, que é a parte mais superior da bainha e a gente pode dividir em larguras diferentes de acordo com o que se pretende fazer. Então, se preciso de mais firmeza e algo mais rústico, deixo mais grossa, se preciso de mais delicadeza, deixo mais fino. Essa parte é bem brilhosa e fica mais maleável quando a gente deixa ela úmida. A dica é ter sempre um paninho molhado por perto, ela é usada aberta, principalmente para trançados de esteiras, e torcidas para o trançados de peças com formas, como baús, bolsas e outras.



Fonte: Arquivo pessoal do autor - 2014.

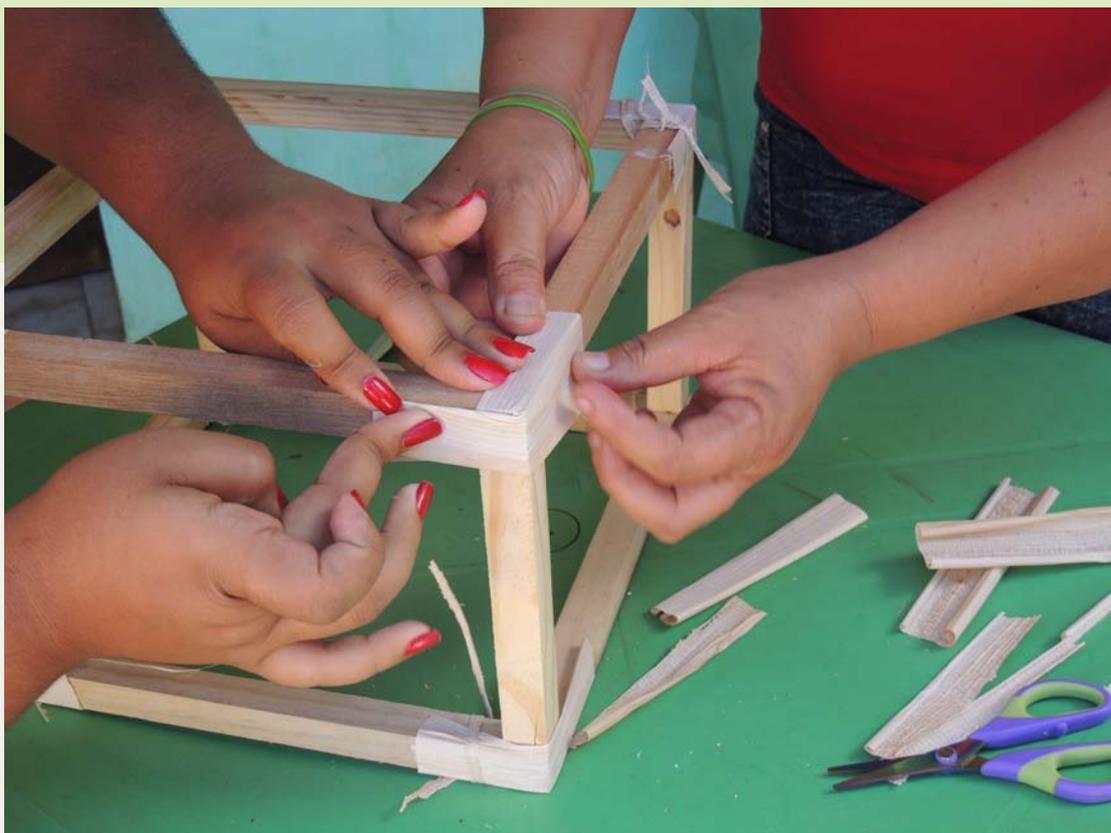


TIPOS DE FIBRAS



Barriga

Quando retiramos a Fibra, as partes de baixo da bainha são chamadas de Barriga. Ela tem pouco brilho e assim como as outras, sua maleabilidade aumenta quando úmida. Utilizada para o revestimento de estruturas das peças ou torcidas no trançado de peças com fôrma.



Fonte: Arquivo pessoal do autor - 2016.



TIPOS DE FIBRAS



Renda

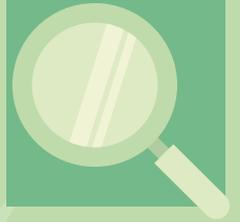
A parte central da bainha [entre a fibra e a barriga] vamos chamar de Renda, que possui uma estrutura vazada se assemelhando à renda mesmo, muito linda! Possui pouco brilho e maleabilidade. Utilizada para o desenvolvimento de peças decorativas e laços para embalagens.



Fonte: Arquivo pessoal do autor - 2016.



TIPOS DE FIBRAS



Fio

Fio – O fio é a Fibra que vimos acima, mas que passa por um processo de desfilamento com uma escova de metal. Ela é utilizada para tecitura com teares manuais.



Fonte: Arquivo pessoal do autor - 2016.



É uma beleza, né?! As possibilidades são tantas... Basta colocar a imaginação para trabalhar e observar os movimentos da natureza. Inspiração é o que não falta.

E aí, gostaram?

Olha só essas peças produzidas com essas fibras, que lindas!

ARTEFATOS DE FIBRA



Fonte: Arquivo pessoal do autor - 2016.



Agora antes de eu ir, vocês lembram que perguntei o que era imbira? Alguém sabe?

Imbira é o nome dado para as fibras vegetais que são usadas como amarração de coisas. Aqui no meu sítio, usam as imbiras de bananeiras para amarrar as hortaliças.

Pois era isso minha gente, espero que vocês tenham gostado. Lembrando que qualquer dúvida a gente te ajuda, é só mandar aqui ó: imbiras.org@gmail.com

Até outro dia, meu povo!

“

Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.

Paulo Freire

”

REFERÊNCIAS

- COELHO, R. R. P.; MATA, M. E. R. M.C.; BRAGA, M. E. D. Alterações dos componentes nutricionais do pseudocaule da bananeira quando processados visando sua transformação em palmito. Revista Brasileira de Produtos Agroindustriais, v.3, n.1, p.1-26, 2011.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, Levantamento. Sistemático da Produção Agrícola. Rio de Janeiro v.30 n.1 p.1-81 janeiro.2017
- LUNA, Saymo Venicio Sales; JUSTO, Juliana Loss. Experimentos utilizando a fibra de bananeira para fins têxteis. Projetica, v. 7, n. 2, p. 37-52, 2016.



IMBIRAS
Cartilha de Beneficiamento
da Fibra de Bananeira

